



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS – CAMETÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA 2013

NILTON CARVALHO DO ESPIRITO SANTO

**MULHERES, SABERES E ESCOLARIZAÇÃO: HISTÓRIAS DE VIDAS NO
MUNICÍPIO DE CAMETÁ - PA**

**Cametá-Pará
2017**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS – CAMETÁ
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA 2013

NILTON CARVALHO DO ESPIRITO SANTO

**MULHERES, SABERES E ESCOLARIZAÇÃO: HISTÓRIAS DE
VIDAS NO MUNICÍPIO DE CAMETÁ - PA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Faculdade Educação do Campus Universitário do Tocantins UFPA-Cametá como um dos pré-requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura Plena Pedagogia, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Benedita Celeste de Moraes Pinto.

**Cametá-Pará
2017**

NILTON CARVALHO DO ESPIRITO SANTO

**MULHERES, SABERES E ESCOLARIZAÇÃO: HISTÓRIAS DE
VIDAS NO MUNICÍPIO DE CAMETÁ - PA**

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a Benedita Celeste de Moraes Pinto
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Gislane Dias da Costa Basto
Avaliadora

Prof^a. Msc. Maria Gorete Cruz Procópio
Avaliadora

Cametá-Pará
2017

**Em memória de minha amada e querida mãe
Auta Carvalho, amiga e companheira de todas
as horas, que não mediu esforços para que eu
pudesse estudar. “As *peessoas que amamos
nunca morrem, elas permanecem vivas em
nossos corações*”.**

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus, que me concedeu o dom da vida e a oportunidade de cursar uma Faculdade.

Agradeço a minha orientadora a Professora Dr^a. Benedita Celeste de Moraes Pinto por aceitar o desafio de me orientar mesmo sem nos conhecermos.

Agradeço a minha co-orientadora Professora Dr^a. Ghislane Dias que sempre me acompanhou em minha caminhada acadêmica.

Agradeço as minhas irmãs pelo incentivo e apoio que me foram dados ao longo desses 5 anos de curso, meus sinceros agradecimentos a vocês Antônia e Helena.

Agradeço a família pedagogia 2013-Regular/Cametá, destacando de forma especial a Odilene Nunes, Laiana Ribeiro, Selma Meireles, que sempre me apoiaram e incentivaram ao longo do curso.

Agradeço a Izonete que muito me incentivou a cursar uma faculdade, a minha princesa e filha Isis, pelo seu carinho e amor.

A você Roberta minha profunda gratidão pelo seu apoio, incentivo e conselhos, pois você sempre acreditou em mim, quando eu mesmo não acreditei que seria possível.

Agradeço a todas as mulheres que de maneira direta ou indireta fizeram/fazem parte da minha vida. O meu obrigado a todas.

Sumário

RESUMO	7
CONSIDERAÇÕES INICIAIS	9
CAPÍTULO I.....	14
RELAÇÕES DE GÊNERO E PODER: O PAPEL POLÍTICO DA MULHER NA SOCIEDADE	14
1.1– O LUGAR DA MULHER CULTURALMENTE CONSTRUÍDO.....	15
1.2– AS QUESTÕES DE GÊNERO E AS RELAÇÕES DE PODER.	25
CAPÍTULO II.....	33
A MULHER E A QUESTÃO DOS SABERES: CULTURA E EDUCAÇÃO NA FORMAÇÃO FEMININA.....	33
2.1 - DA NEGAÇÃO A PARTICIPAÇÃO: EDUCAÇÃO E ESCOLARIDADE DA MULHER.	34
CAPÍTULO III	41
NAS TRAMAS DA MEMÓRIA: A PARTICIPAÇÃO FEMININA NA TERRA DOS ROMUALDOS.....	41
3.1 – HISTÓRIAS DE VIDA (RE)CONSTRUINDO MEMÓRIAS	42
3.2 – O FEMININO NA TERRA DOS ROMUALDOS.....	44
3.3.1 – IDENTIDADE.....	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS	63

RESUMO

O presente estudo “*mulheres, saberes e escolarização: histórias de vidas no município de Cametá – PA*”, tem como objetivo analisar a história de vida de duas mulheres, Maria Cordeiro de Castro e Iolanda Lopes dos Santos, a partir da dimensão social, cultural, educacional e política, visando descrever o contexto de vida destas duas mulheres cametaenses na perspectiva de compreender analiticamente a extensão, política, cultural, social e educacional em que estão inseridas. E com base nas suas respectivas atuações, refletir a respeito de questões direcionadas a relações de gênero no município de Cametá. Para a concretização dos objetivos propostos buscou-se apoio teórico metodológico em autores, como: ABRÃO (2003), RAGO (2013), VIEIRA (2005), BECK & GUIZZO (2013), PEDRO (2005), SCOTT (1995), MATOS (2013), SOIHET. Da mesma forma, foi realizada a pesquisa de campo, tendo por base fontes orais, mediante entrevistas realizadas com familiares, amigos e demais pessoas que convieram com as mulheres focalizadas neste estudo. Além de fontes escritas e imagéticas (fotografias). Dados da pesquisa indicam que embora ambas tenha desempenhado papéis importantíssimos no município, o reconhecimento pelo trabalho de ambas sofreram duras críticas da sociedade local, muitos não aceitavam que uma mulher fizesse parte de um ambiente até então ocupado apenas por homens, como foi o caso da professora Maria Cordeiro ao se tornar a primeira vereadora eleita no município, de igual modo a sociedade elitizada do município não permitiam apresentações do grupo de Samba de Cacete em suas festas por se tratar de uma manifestação advinda de cultura negra e das classes menos favorecidas, evidenciando assim o preconceito determinado pelo gênero, raça e classe social.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres, Saberes, Escolarização, Relações de Gênero, Cametá.

Lista de Figuras

Figura 01: Pecadora lavando os pés de Jesus com lágrimas e secando com seus cabelos.....	18
Figura 02: Guerreira Celta.....	20
Imagem 03: Diploma em Reconhecimento aos 50 anos dedicados a Educação.....	50
Figura 04; Placa de inauguração da escola municipal de 2º Grau Profª Maria Cordeiro de Castro.....	51
Figura 05: Certificado de Vereadora da Professora Maria Cordeiro.....	52
Figura 06: Apresentação do Grupo de Samba de Cacete do Pilão na festividade de São João Batista ano 2017	58
Figura 07 – Placa de reconhecimento a Iolanda como Mestra Cultura.....	61
Figura 08- Guia SESC 2017.....	62
Figura 09 – Certificado de Honra ao Mérito	62
Figura 10 - Placa em Homenagem a Iolanda dos Santos	63

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente estudo, intitulado Mulheres, saberes e escolarização: histórias de vidas no Município de Cametá – PA, busca analisar o contexto histórico e social vivido por duas mulheres, destacando como estas eram/são vistas pela sociedade frente as suas pertinências, o preconceito sofrido pelo gênero em uma sociedade tradicional e patriarcalista.

Neste sentido, será abordado, as atribuições de Maria Cordeiro de Castro e o papel desempenhado por ela ao longo de sua vida como professora e vereadora, e Iolanda Lopes dos Santos, uma mulher negra, que assumiu a liderança de um grupo cultural de samba de cacete; qual o olhar da sociedade cametaense em relação ao empoderamento feminino frente ao o jogo de poder e machismo predominante na sociedade da época. Visando descrever o contexto de vida destas mulheres cametaenses na perspectiva de compreender analiticamente a extensão, política, cultural, social e educacional em que estão inseridas. E a partir dos papéis que desenvolveram, refletir a respeito de questões direcionadas a relações de gênero no município de Cametá.

A escolha pelo tema se deu no decorrer do curso de pedagogia, através do contato com personalidades históricas cametaenses e pouco conhecidas pelos filhos da terra e pela inquietação de Cametá ser conhecida em 382 anos de história como terra dos Romualdos e cidade dos Notáveis deixando de lado a história de mulheres que em muito contribuíram/contribuem com a história do município e que não recebem o devido reconhecimento, e assim buscou-se trabalhar com personalidades femininas como a Professora Maria Cordeiro de Castro e Iolanda dos Santos.

Levando em consideração que o objetivo deste trabalho não é confrontar e menos ainda desmerecer a importância desses notáveis filhos da terra, mas dar visibilidade ao gênero feminino que assim como os homens também dedicaram parte de suas vidas em prol do bem-estar e progresso desta terra e que ficaram as margens da história do município.

Essas mulheres tiveram/tem papel importantíssimo na sociedade cametaense, criaram sua própria identidade através de suas ações, nos ensinaram que sonhar é possível e torna-lo realidade depende de cada um de nós.

Mulheres tão diferentes e tão iguais, diferentes pelo contexto social, raça instrução e classe social a que cada uma pertenceu/pertence e tão iguais em determinação em tornar possível os seus anseios, lutando pelos seus ideais. A preocupação com o outro também foi/é

um ponto determinante nas suas vidas, ensinando, legislando ou repassando seus conhecimentos e histórias dos seus ancestrais. Maria Cordeiro de Castro e Iolanda Lopes dos Santos são personalidades, cujas histórias, lutas, resistências e atuação social passam despercebidas e em muitos casos pouco conhecidas pelos cametaenses, e Melo vem corroborar dizendo “a plena participação das mulheres pode ser visualizada através da eliminação das limitações que as marginalizam ou as tornam invisíveis, seja nas atividades domésticas seja nas atividades públicas e produtivas”, do mesmo modo desempenharam seu papel através do enfrentamento contra o preconceito aferido ao gênero e raça (MELO, 2002).

Desta forma, a partir das histórias de vida destas duas mulheres este estudo reflete a respeito de questões direcionadas a relações de gênero no município de Cametá, assim como em torno das dimensões social, cultural, educacional e política no município de Cametá, uma vez que ainda são poucos os trabalhos acadêmicos que abordam diretamente as questões de gênero com perspectiva feminina na política, educação e cultura no município, e neste trabalho buscamos contribuir de maneira significativa na elaboração de pesquisas futuras referentes ao assunto, em especial a participação feminina no cenário político cametaense nas décadas de 40 e 50 período marcado pelas diferenças exacerbadas de classes sociais, gênero e raça.

Nesse período Maria Cordeiro, uma professora, vem quebrar esse tabu, pois em 1947 se torna a primeira vereadora eleita no município de Cametá, sendo que após esse período até a presente data, apenas três mulheres ocuparam cargos políticos na condição de vereadoras, sendo que duas destas, primeiro como suplentes e após a perda do mandato do titular, se tornaram vereadoras, que foram Maria Alves Pinheiro, em 1977, e Izabel Igreja, suplente que se tornou vereadora após a perda do mandato do titular, então vereador José Maria de Freitas (Ata das Seções da Câmara de Vereadores do Município de Cametá, 2008, e a Professora Deca Camarinha¹ que em 2017 se tornou a segunda mulher eleita pelo voto direto a ocupar uma cadeira na Câmara de Vereadores do Município de Cametá

“Maria Cordeiro, professora dedicada e respeitada na arte de ensinar, tratando por igual seus alunos independentes da classe social a qual pertencia” (Adilson Nogueira, aluno e colaborador da Professora M^a Cordeiro, entrevista realizada no dia 07/11/17), e em quanto Vereadora teve uma atuação importante em prol do município legislou e sugerindo mudanças significativos na vida dos cametaenses (Ata das Seções da Câmara de Vereadores do Município de Cametá).

¹ Maria Wanderleia Assunção Camarinha (Deca Camarinha) do DEM foi a segunda vereadora mais votada no último pleito eleitoral no município atingindo um total de 3.045 votos. Fonte Justiça Eleitoral.

Isso demonstra com mais clareza o preconceito em relação ao gênero feminino ao assumir um lugar de destaque na política cametaense. É importante mencionar que Maria Cordeiro também dedicou mais de 50 anos de sua vida a tarefa de ensinar. Era uma mulher determinada que superou barreiras em uma sociedade machista e preconceituosa em relação a mulheres, não casadas, negras, pobres e mães solteiras.

Outra mulher de igual importância se destaca na cultura cametaense, Iolanda Lopes, ganhou visibilidade diante de um grupo folclórico de samba de cacete, uma dança genuinamente regional, provinda de povoações negras da Região Tocantina, os antigos quilombos, cujas letras das músicas e danças retratam a labuta diária de homens e mulheres e suas paixões. Iolanda Lopes dos Santos, além de lidar com o preconceito de gênero, teve que lidar também com o preconceito racial e estereótipos por ser mãe solteira (Dmitryus, entrevista realizada no dia 15/09/17). E assim, Iolanda dos Santos tornou-se um ícone na divulgação da cultura cametaense através do Samba de Cacete², dança oriunda dos quilombos da região tocantina.

Neste sentido, o presente estudo busca analisar as histórias de vida e as formas de atuação dessas mulheres que se tornaram exemplo de superação e enfrentamento em uma sociedade vista apenas com olhos masculinos em todos os seguimentos sociais da época. Conforme afirma Rago.

Essas mulheres tem uma relação com a vida e consigo mesmas muito diferente uma da outra [...], um sentimento de estranheira vivida desde cedo em suas vidas. Todas, então, tiveram de construir novos espaços subjetivos, sociais de gênero[...]. Nesse sentido, suas experiências convergem, mantendo, ao mesmo tempo, suas dispersões (RAGO, 2013, p. 36).

A análise das histórias de vida dessas duas mulheres, tenta perceber a configuração política, educacional e cultural do município de Cametá, e como essas relações se teceram em determinado momento, através de uma valorização do gênero que pouco se conhece neste município, que ainda hoje se destaca com um olhar muito do homem. Portanto, este estudo destaca a valorização e a representatividade dessas mulheres na sociedade na qual atuavam/atua, procurando entender como essa relação se dava na educação, na política e na cultura, a partir do olhar dessas duas mulheres, suas experiências de vidas, suas posturas para

² O Samba de Cacete é uma prática cultural originário de negros quilombolas, que extravasavam suas alegrias, religiosidade, formas de trabalhos e resistências através de batuques de tambor, de danças e músicas, cujos ecos culturais atravessam tempos e gerações na região do Tocantins, no Pará. (SÁ 2016).

enquadrar-se na sociedade e a construção de suas identidades que se tornaram marco pessoal em suas vidas, e Vieira vem contribuir com o pensamento de que em dadas sociedades o sujeito em especial a mulher não é totalmente dona de suas vontades.

Os sujeitos, portanto, resultam de experiências pessoais em diferentes eventos e de processos contínuos de mudanças. Quanto a discussão do modo de agir do sujeito na constituição da identidade, cabe dizer que é difícil acreditar em sujeitos completamente livres ou totalmente assujeitados. É preferível falar de sujeitos ativos que se tornam assujeitados em alguns momentos e que são, em determinados papéis, responsáveis pela constituição da identidade (VIEIRA, 2005, p. 213)

As mulheres foco deste trabalho firmaram suas identidades em cima de suas atuações, quer como professora, quer como vereadora ou ícone cultural em meio a uma dada sociedade tradicional que julga e discrimina essas mulheres por não terem em sua companhia um homem a quem pudessem chama-lo de esposo, e que aos poucos vão ganhando o respeito e admiração de todos. (Dmitryus entrevista realizada no dia 15/09/17).

Para a concretização deste trabalho foi realizado entrevistas semiestruturadas com o objetivo de se trabalhar memórias e histórias de vida através das narrativas dos atores envolvidos na pesquisa, fundamentando-se memórias em autores como (Abrahão, 2003) “as narrativas permitem, dependendo do modo como nos são relatadas, universalizar as experiências vividas nas trajetórias de nossos informantes”, através da fala de nossos interlocutores, nos possibilitou viajar no imaginário e vivenciar os acontecimentos ocorridos no passado, as relevâncias e anseios sociais vividos na época pelos autores que fundamentam a pesquisa em questão.

E em relação a histórias de vida, Santos (2008) vem dizer que “a identidade não é algo que se atribui ao sujeito e nem é também um processo passivo de pertença, mas sim uma edificação de caráter biográfico e relacional, ou seja, o individual constrói para si uma identidade (identidade pessoal) a partir dos elementos que recebem dos diferentes grupos sociais dos quais faz parte, e concebe uma identidade para os outros (identidade social), isto é, ele é aquilo que os outros esperam que ele seja”. Algo muito comum em sociedades tradicionais onde os indivíduos adquirem dupla personalidades uma conhecida apenas pelas pessoas mais próximas em seu convívio pessoal e uma identidade superficial conhecida pela sociedade buscando enquadrar-se aos moldes sociais aceitáveis para uma dada sociedade (SANTOS, 2008).

E fundamentando-se em gênero buscamos aporte teórico em Scott (1995), quando afirma que “inscrever as mulheres na história implica necessariamente a redefinição e o alargamento das noções tradicionais daquilo que é historicamente importante, para incluir tanto as experiências pessoal e subjetiva quanto as atividades públicas e políticas”. A autora vem reforçar a importância de incluir as mulheres na história como sujeito ativo e participativo nas mais diversas esferas sociais (JUAN SCOTT, 1995).

Pedro (2005) afirmar que “o uso da palavra gênero, [...]tem uma história que é tributária de movimentos sociais de mulheres feministas, gays e lésbicas. Tem uma trajetória que acompanha a luta por direitos civis, direitos humanos, enfim, igualdade e respeito” (PEDRO, 2005). Luta conhecida e vivenciada de perto pela Professora Maria Cordeiro e Dona Iolanda dos Santos que com muito esforço e dedicação após anos conseguiram conquistar o respeito da sociedade ainda que o direito a igualdade tenha se tornado uma realidade um pouco mais distante. Pois em 1948 a mulher cametaense não era bem-vinda a assumir um lugar político no município, em vista se tratar de cargos exclusivamente masculino em conformidade com os moldes sociais vigentes na época.

De igual modo também não era aceito mães solteiras comparecer em espaços sociais frequentados pela sociedade mais abastada do município.

Este estudo está estruturado em três capítulos. O Primeiro *Capítulo, A Relação de Gênero e Poder: o papel político da mulher na sociedade*, faz uma retrospectiva histórica dos avanços sociais percorridos pelas mulheres ao longo da história levando em consideração a relação entre gênero e poder. O segundo capítulo, *A Mulher e a Questão dos Saberes: Cultura e Educação na Formação Feminina*, trata das lutas e resistências da figura feminina, narrando suas estratégias para romper com o silêncio que lhes são delegados na história em busca de respeito e direitos junto a sociedade.

O Terceiro Capítulo, intitulado, *Nas Tramas da Memória: A participação Feminina na Terra dos Romualdos*, traz a história de vida e memórias de duas mulheres que tiveram participação e atuação importante na sociedade cametaense: Maria Cordeiro de Castro, que atuou como professora e vereadora, e a senhora dona Iolanda dos Santos, (mais conhecida como Iolanda do Pilão), que além da sua trajetória de vida, é uma mulher que sempre esteve na frente do grupo de Samba de Cacete, que criou juntamente com outros amigos.

CAPÍTULO I

RELAÇÕES DE GÊNERO E PODER: O PAPEL POLÍTICO DA MULHER NA SOCIEDADE

1.1– O LUGAR DA MULHER CULTURALMENTE CONSTRUÍDO

O lugar da mulher vem sendo construído e desconstruído desde o surgimento dos primeiros grupos de mulheres e homens que passam a viver em pequenas comunidades, compartilhando as tarefas em harmonia, com a complementariedade das atividades entre ambos, mas que sofre modificações a partir do momento que surgem novas “técnicas” de se trabalhar a terra dando início a divisão sexual do trabalho onde “lavar e semear” passa a ser atividade típica do homem uma vez que para arar a terra necessitava-se de tração animal e força para direcionar o arado e assim preparar o solo e “tirar ervas daninhas e colher” passam a ser atividades secundárias destinadas a mulheres e crianças. (SOIHET 2001).

Se a complementaridade dá conta de uma realidade em que a associação da mulher e do homem revela-se necessária, ela apaga o fato de que a distribuição de tarefas possui, apesar de tudo, um polo positivo e um polo negativo e de que contém nela um sistema de valor hierárquico. Papéis complementares talvez, mas subordinados um a outro, [...] entre complementaridade de subordinação e complementaridade de emulação. Tomando-se, por exemplo, o caso da agricultura, a divisão técnica do trabalho entre homens e mulheres (os homens lavram, semeiam; as mulheres colhem, tiram as ervas daninhas) pode ser analisada em termos de complementaridade, caso permaneça somente no nível técnico. (SOIHET 2001, p.7).

Sendo assim as mulheres passam a ocupar-se com atividades subalternas ou aquelas que os homens não queriam exercer por imaginarem que tal atividade poderia diminuir sua virilidade.

Com essa nova configuração da divisão do trabalho tornar-se visível a “dominação masculina” sobre a mulher, sendo que “na produção doméstica as mulheres são exploradas, ao mesmo tempo, no seu trabalho e na sua capacidade de reprodução, [...] e a procriação submete-se ao controle da comunidade. As mulheres tornam-se, assim, um *bem de uso*” levando-as a submissão ao patriarcalismo. (SOIHET 2001).

Mesmo na pré-história onde as mulheres “reinavam como deusas” e com papel “destacado” ainda que não fossem “detentoras de mais poder que os homens viviam em regime de parceria” o que indica que as desigualdades entre os sexos passaram a ser mais acentuadas com o aumento populacional e a formação de sociedades cada vez mais desenvolvidas e com o avanço do mercantilismo os povos de diferentes regiões do globo passaram a relacionar-se entre si e com isso, suas culturas e costumes passaram à ser conhecidos e questionados por povos

tradicionais e patriarcais levando a desvalorização e o desrespeito para com as mulheres deixando marcas profundas da soberania dos homens sobre as mulheres (MOREIRA 2005).

Tanto no criacionismo³ como no evolucionismo⁴ a mulher sempre teve um papel ativo ao lado de seu companheiro, e em muitos casos de submissão ao sexo oposto em geral, a bíblia traz muitas passagens reforçando essa submissão da mulher ao homem começando em Gênesis com Eva ao comer do fruto proibido “Multiplicarei grandemente os teus sofrimentos e a tua gravidez; darás à luz teus filhos entre dores; contudo, *sentir-te-ás atraída para o teu marido, e ele te dominará*”. (GÊNESIS 3,16).

A punição por Eva ter desobedecido uma ordem foi o sofrimento durante o parto e a sua total submissão ao seu esposo, e Colossenses vem reforçar dizendo “Mulheres, sede submissas aos vossos maridos, como convém no Senhor”. (COLOSSENSES 3,18), frases como estas são frequentes na bíblia tornando as mulheres cristãs totalmente sujeitadas a dominação masculina, não apenas dentro de casa mais também nos espaços públicos como aponta Coríntios “Que as mulheres fiquem caladas nas assembleias, [...] pois não lhes é permitido tomar a palavra. Devem ficar submissas, como diz também a lei. Se desejam instruir-se sobre algum ponto, perguntem aos maridos em casa”. (CORÍNTIOS 14, 34-35), neste versículo fica evidente que as mulheres não podem se manifestar em público, devendo ficar calada apenas ouvindo sem manifestar qualquer opinião, caso tenha qualquer dúvida deve esperar chegar em casa para que possa comentar com seu esposo o qual pode ou não esclarecer suas dúvidas.

Outra passagem bíblica que evidencia a submissão das mulheres aos homens assim como proíbe que estas sejam detentoras de conhecimento está explícito em Timóteo onde diz - “A mulher aprenda em silêncio com toda a submissão. Pois não permito que a mulher ensine, nem tenha domínio sobre o homem, mas que esteja em silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva” - (TIMÓTEO 2,11-13)

Desta forma além destas deverem obediências a todos do sexo oposto, fica evidente que não poderiam esboçar qualquer conhecimento superior aos homens, e a mulher que mantivesse qualquer relação sexual antes do casamento era humilhada e castigada até a morte como consta

³ O criacionismo, em geral, é a crença de que tudo o que existe no mundo seria criação direta de um ser sobrenatural. Essa entidade teria criado todos os seres vivos, elementos naturais e universo de modo completo, ou seja, o homem foi criado como homem desde o início, assim como uma baleia sempre foi uma baleia mesmo nos primeiros anos da terra.

⁴ o evolucionismo é uma teoria desenvolvida por Charles Darwin, um cientista que viveu no século XIX e que propagou a ideia de que todo o universo, incluindo os seres que nele vivem, passaram por uma longa e progressiva evolução para ser o que seriam hoje.

no livro de Deuteronômio, “Se uma jovem é dada por esposa a um homem e este descobre que ela não é virgem, então será levada para a entrada da casa de seu pai e a apedrejarão até a morte”. (DEUTERONÔMIO 22,20-21).

Tais fatos nos levam a refletir até que ponto a religião nos levaram/levam a concordar com atos desta natureza contra a mulher, tratando-as como um animal irracional em estado de total submissão, quanto que os homens poderiam relacionar-se livremente com mais de uma mulher, muitas sociedades se valeram/valem das escrituras bíblicas para praticarem atos insanos ao longo da história, causando assim a morte de milhares de mulheres.



Imagem 01- A pecadora lavando os pés de Jesus com lágrimas e secando com seus cabelos.

Fonte: www.rudecruz.com/vaso-alabastro-puro-nardo-pecadora-ungiu-pes-jesus-estudo-biblico.php

Na figura acima uma cena bastante trabalhada nas igrejas para retratar a obediência e servidão das mulheres aos homens, como podemos observar todos estão conversando sem se preocuparem inicialmente com a atitude daquela mulher, exceto a outra mulher que está no lado direito da imagem que está com um olhar de indignação pela maneira como a primeira está se portando perante aquele homem que é a figura mais importante presente naquele ambiente. Mais de dois mil anos se passaram e ainda hoje em pleno Século XXI ainda é comum ouvirmos nas igrejas que as mulheres devem obediência ao seu marido, que devem ser submissas as suas vontades.

Durante a idade média período em que “predominavam os valores éticos Cristãos” se reproduziu de maneira exacerbada a dominação masculina sobre a feminina com simbologias para que ficassem evidente a todos os seus devidos lugares na sociedade, as mulheres não se ocupavam com os afazeres tidos masculinos e os homens não exerciam quais que atividades

tidas femininas, o poder pregado pelo cristianismo de um sexo sobre o outro permanecia severo e evidente segundo afirma Moreira.

Também na idade Média, período da história da humanidade em que predominavam os valores éticos cristãos e o ideal da guerra, a mulher tinha seu papel definido e baseado em estereótipos que reforçavam sua presença restrita ao espaço doméstico e as tarefas do lar, [...] era atribuído o símbolo da roca à mulheres, ou seja, um símbolo de atividade na vida privada. Já o homem, o símbolo da espada, denotando virilidade, força e violência sugerindo as atividades no campo de batalha. (MOREIRA 2005, p.20)

Nas mais diversas sociedades da época com a expansão de territórios e guerras frequentes era comum que as mulheres ocupassem exclusivamente com os cuidados com a família e os afazeres domésticos, quanto que os homens estavam em frequente contato com os demais nas tabernas bebendo e falando de guerras, contando proezas de seus feitos (MOREIRA 2005).

A condição feminina em Roma não foi diferente, tendo estas de submeter-se ao “poder do homem dentro da família” e suas atividades eram restritas à “domus” (casa), não podendo estas exercer qualquer função fora do lar, em contrapartida a grande demonstração de poder exercido pelas mulheres durante a idade média é observada na Europa Ocidental conforme afirma Moreira.

[...] apenas entre os Celtas havia equiparação jurídica entre homens e mulheres e estas tinham liberdade de escolher o parceiro e de solicitar a ruptura matrimonial, caso não estivessem satisfeitas, se bem que o grau de independência era equivalente ao grupo social que pertencia. A esposa cuja família de origem era tão abastada quanto a do marido, viviam em completa igualdade com o mesmo, quando era superior, ela era a chefe da família, porém se inferior, seus direitos eram bem reduzidos. (MOREIRA 2005, p. 20).



Figura 02- Guerreira celta

Fonte: <http://3fasesdalua.blogspot.com.br/2012/02/as-mulheres-guerreiras-celta.html>

Na sociedade celta os papéis se igualavam em determinados aspectos da vida, as meninas recebiam os mesmos treinamentos que os meninos por se tratar de povos tidos como bárbaros precisavam unir forças para defenderem seus territórios, a submissão só se tornava mais evidente quando seus maridos pertenciam a castas superiores às suas, as celtas eram mulheres guerreiras e não se intimidavam na presença masculina principalmente se fossem inimigos (MOREIRA 2005).

Ao longo dos tempos a mulher vem lutando para conquistar seu lugar de direito na sociedade, direito este cada vez mais distante em uma sociedade onde a igreja reinava suprema implantando seus dogmas de que as mulheres devem obediências aos homens, tornando-as serem sem vez e voz diante dos desejos do querer e poder. Não lhes era admitido que expressassem seus pensamentos em públicos ou qual quer forma de questionamento aos seus pares (esposo, pai, sogro, irmãos) devendo assim ser obediente a todas as atividades impostas pelos mesmos (MOREIRA 2005).

A moral cristã considerava o prazer, pecaminoso, pois mantinha o espírito prisioneiro do corpo e, portanto, longe de Deus. A mulher era considerada inferior pela sua fraqueza ante os “perigos da carne” e eram consideradas de “natureza perversas, frívolas, luxuriosas, impulsionadas para a formicação”. Justamente por isso não poderiam nem mesmo expressar o desejo sexual. Ao contraírem matrimônio, seu corpo tornava-se posse do esposo, mas sua alma deveria permanecer na posse de Deus (MOREIRA 2005, p. 22).

Em uma época em que a igreja detinha poder absoluto sobre os cidadãos, era incontestável seus dogmas sob pena de ir para o “inferno”, sendo que desde o rei até o mais

simples camponês era submisso a igreja, obedecendo e contribuindo de todas as formas para a manutenção do clero e de suas posses, já que esta era detentora de grandes quantidades de terras (MOREIRA 2005).

A idade média também conhecida como idade das trevas foi um período sóbrio para as mulheres, milhares delas foram mortas acusadas de bruxarias que em muitos casos serviram de pretexto para puni-las pela falta de submissão aos dogmas religiosos e a seus pares. Muitas dessas mulheres detinham algum conhecimento sobre determinadas enfermidades e formas de cura-las, conhecimento geralmente passado de mãe para filha, de mulher para mulher, e através destes saberes estavam deixando de aceitar que as doenças e mazelas sofridas por eles era castigo de deus pelos seus pecados conforme pregava a “santa igreja”, e milhares de pessoas foram sacrificadas sob a ordem do Santo Império pois a igreja em si não poderia cometer esse sacrilégio conforme afirma Moreira.

“O epicentro das execuções das bruxas foi o Santo Império (...), as execuções tiveram início na Áustria. O sudoeste da Alemanha e a Baviera foram responsáveis por mais de três mil e quinhentas execuções cada. Na Polônia a segunda área mais afligida por este flagelo, grande número de “feiticeiras” foi queimado entre 1675 e 1720, muito depois que a caça às bruxas havia terminado no resto da Europa. Em algumas cidades Alemãs, seiscentas bruxas eram executadas em apenas um ano; na área de Wurtburg, novecentas num único ano; em Como (Itália), mil; em Toulouse (França), quatro centos num único dia. Na diocese de Trier, 1585, *duas aldeias foram deixadas apenas com uma moradora mulher cada uma*. (...) em Londres um escocês confessou que ele sozinho havia sido responsável pela morte de 229 mulheres, por cada uma das quais havia recebido vinte e um *shillings* (...) estimativa do número de pessoas mortas na fogueira vai de pouco mais de cem mil a nove milhões. (Muraro Apud MOREIRA 2005, p. 25)

Durante um longo período da idade média centenas de milhares de pessoas perderam suas vidas tanto homens como mulheres, das formas mais cruéis possíveis em nome de um “*deus*”, cujas religiões pregavam/pregam que esse mesmo deus deu livre arbítrio a homens e mulheres e que estes eram/são livres para escolherem seus destinos, no entanto a religião usa esse mesmo deus para amedrontar seus fiéis e até mesmo puni-los ainda que custe a vida de alguém.

Com o fim da idade média e o surgimento do renascimento surgem novas perspectivas e formas de pensar no mundo, abrindo caminho e possibilidades às mulheres ainda que restritas – as mulheres passam a ter liberdade de demonstrar seus talentos ao público o que anteriormente ficava restrito ao privado – estas passam a destacar-se principalmente na cultura. A partir do renascimento passam a surgir figuras femininas no poder como “Catarina Cornaro, Izabel a Católica” mulheres que se destacaram por suas ousadias enquanto reinavam como soberanas

supremas, podemos citar ainda “Vitória colona marquesa de Pescara” uma das mais importantes poetiza da época (MOREIRA 2005)

A renascença foi marcada por grandes acontecimentos tais como: “as grandes conquistas no campo artístico e científico, das grandes navegações, das grandes viagens e descobrimentos marítimos, a centralização da monarquia e o absolutismo”, a corrida por novas descobertas em especial por novas terras ocasionou na chegada dos portugueses ao Brasil, trazendo consigo uma cultura europeia cheia de pudores e o patriarcalismo amparado por dogmas religiosos pregando a submissão das mulheres ao sexo oposto. (MOREIRA 2005)

Estes navegadores chegando a nova terra e se depararam com povos cuja sociedade pouco desenvolvida onde ainda existia complementariedade do trabalho, e as mulheres tinham seus valores e direitos reconhecidos dependendo da sociedade a qual pertencia. O contato dos habitantes locais com os europeus causou grande transformação na vida destes que foram tidos como povos sem cultura pelos recém-chegados os quais os impuseram sua cultura e costumes.

Catequizados na fé cristã e submetidos a obediência à deus e ao império, a fascinação dos habitantes locais pelo novo, o deslumbre com os costumes dos europeus proporcionou à muitos destes serem persuadidos, muitas mulheres dessas comunidades foram dadas como presentes ou trocadas por gênero alimentício pelos chefes indígenas ou mesmo pelo próprios pais aos nobres europeus conforme afirma Moreira.

Quando ao Brasil colônia, os portugueses encontraram mulheres totalmente diferentes não só na aparência como nos hábitos das suas conterrâneas europeias. O cotidiano das índias era marcado pelo cuidado com o corpo, com os filhos e a sobrevivência. Quando meninas viviam a sobra das mães e dividiam com estas os afazeres diários. Um pouco mais velhas, poderiam ser trocadas por gêneros e oferecidas pelos pais aos colonizadores. Casadas, acompanhavam os maridos carregando todos os utensílios para o preparo das provisões, nas longas jornadas. Trabalhavam até a hora de dar à luz. Fiavam algodão, faziam redes, vasilhame de barro, cuidavam da roça e das refeições. (MOREIRA 2005, p. 26)

Durante o renascimento muitas mulheres da nobreza se destacaram, alcançando reconhecimento e prestígio perante a sociedade, em quanto que no Brasil com a chegada dos europeus tem início uma grande mudança na vida das mulheres locais algo que se agrava ainda mais. Com o período escravagista no mundo onde muitos homens e mulheres livres perderam sua liberdade, sua dignidade, tentaram tirar sua cultura e muitos perderam a vida através da colonização de povos menos desenvolvidos ou isolados da Europa, como foi o caso dos africanos escravizados e comercializados pelos colonizadores, para trabalharem nas colônias (MOREIRA, 2005).

No Brasil colônia as mulheres tiveram um papel importante no pequeno comercio quanto na manutenção de suas culturas e crenças e isso se deve a dois fatores culturais: primeiro, o fato de que nas sociedades africanas as mulheres tradicionalmente desempenhavam tarefas de alimentação e distribuição de gêneros, e na colônia se serviam dessa habilidade e liberdade para tecer relações de convivência com outras pessoas com quem mantinham afinidades e histórias de vida em comum conforme afirma Dias.

As mulheres escravas exerceram um papel de importância vital nesse processo, simultâneo, da aculturação e de resistência: a família de mulheres só facilitava a substituição e a renovação dos cultos dos ancestrais, que por sua vez, lançava as bases de um novo convívio social entre os escravos. As tradições culturais africanas delegavam as mulheres tarefas de alimentação e circulação de gêneros de primeira necessidade[...]. (DIAS 1995, p. 157)

Estas “estabeleciam contatos com escravos fugidos” alertando-os e informando-os sobre os acontecimentos e possíveis perigos que os quilombolas poderiam correr por parte das autoridades locais e antigos donos que buscavam recuperar e punir os escravos fugidos (DIAS 1995).

O segundo, de influência portuguesa, transpondo para a colônia a divisão de papéis sexuais da metrópole o que contribuiu para que essas mulheres pudessem comercializar produtos produzidos nas fazendas da região, embora a participação feminina nas atividades econômicas fosse evidente ainda assim haviam grandes discrepâncias entre as mulheres, como ressalta Moreira.

No Brasil colonial, [...] o uso desmedido e silencioso da sexualidade, existia uma diferença entre as mesmas. Em geral as mulheres brancas eram enclausuradas, recatadas e guardiãs da honra do pai e do marido. As negras, divertimento do senhorzinho e deleite dos senhores da terra. As africanas, embora reduzidas a objetos sexuais, trabalhavam com foice e enxada; semeavam, catavam ervas daninhas desde a infância, enfeixavam e moíam a cana, cozinhavam o melado, manufaturavam o açúcar, ocupavam-se das tarefas domésticas da casa grande, lavavam, cozinhavam, além de cuidarem de seus maridos e filhos nas senzalas, onde ainda serviam de parteiras e benzedeiras (MOREIRA 2005, p. 27).

As atividades delegadas as mulheres iam além dos trabalhos domésticos em particular as mulheres africanas no Brasil colonial, as quais não se aplicava o termo “sexo frágil”, mulheres guerreiras, valentes que suportaram muito mais que o corpo podia aguentar, muitas tiveram o corpo escravizado, mais em alguns casos não conseguiram escravizar sua alma, alma esta que as mantiveram firmes nas suas crenças religiosas e valores (MOREIRA 2005).

A vinda dos portugueses para o Brasil retrata muito mais que a colonização da nova terra, ou exploração das suas riquezas naturais e minerais, retrata a triste realidade das mulheres que aqui viviam como as indígenas, portuguesa pobres e negras, mas aqui queremos dar destaque especial as negras que foram arrancadas de sua terra natal para servir de escrava e de objeto pelos europeus, estas sofreram todos os tipos possíveis de humilhação nas mãos dos seus senhores, talvez este tenha sido o período em que ocorreu o maior número de estupro de mulheres no Brasil e onde ninguém foi punido por tais atos. Atos estes presentes ainda hoje em nossa sociedade e que em muitos casos o agressor ainda permanece impune (programa sem censura)⁵.

A revolução francesa embalada com as ideias liberais originou mudanças significativas no cotidiano das mulheres europeias, dando uma nova significação nos costumes e hábitos no convívio privado quanto no coletivo levando homens e mulheres a assumirem uma nova postura. Muitas mulheres começam a ganhar destaque no meio social e começam a difundir seus pensamentos feministas, agregando valores e denunciando abusos contra a mulher ressaltado por (MOREIRA 2005)

Na França, em 1791, Olympe de Gouges escreve a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, paralelamente à Declaração dos Direitos do Homem, onde pede que sejam abolidos todos os privilégios masculinos. Por suas ideias avançadas, foi guilhotinada em 1793. Na Grã-Bretanha, em 1792, Mary Wollstonecraft escreve A Reivindicação dos Direitos da Mulher, expondo e apresentando o início de uma tomada de consciência em relação à luta pelos direitos da mulher. (MOREIRA 2005, p. 29)

Mulheres que sempre estiveram à frente do seu tempo, que tinham ideias diferentes e não aceitavam as submissões impostas pelo patriarcado, foram ininterruptamente alvos de preocupações masculinas, com suas “ideias revolucionárias” desafiaram o patriarcado e enfrentaram de frente as imposições feitas ao sexo feminino, lutaram e deram suas vidas para que suas vozes pudessem ecoar como um pedido de socorro preso no peito de tantas mulheres, empoderando-as a lutarem pelos seus direitos, e reivindicarem seu espaço negado no social e político. A discriminação crescente de cor, raça, credo e gênero tem deixado cicatrizes cada vez mais profundas na sociedade em especial a composta pelo sexo feminino, estas vem sendo tolhidas no seu modo de pensar e agir em sociedade. (MOREIRA 2005).

⁵ Entrevista de Roberta Duboc Pedrinha no programa sem censura que abordou o tema “Empoderamento feminino” que foi ao ar no dia 13/02/2017 - 18:00

Mesmo com todos os avanços das conquistas femininas no mundo, atualmente estas ainda veem seus trabalhos desvalorizados, em Cametá são raros os casos de mulheres ocupando cargos de maior visibilidade social, no entanto é comum encontra-las em sala de aula e hospitais, funções estas vistas como uma extensão do lar por requerer uma atenção e cuidado maternal. Outras, no entanto tem seus nomes estampando a razão social de empresas, no entanto quem administra tudo são seus esposos.

A partir do momento em que a mulher passa a ganhar visibilidades no meio social surgem novas preocupações por parte dos que tradicionalmente apoiam e defendem o patriarcalismo ferrenho e a total submissão feminina, não aceitando o enfrentamento feminino estes vem buscando novas formas cada vez mais burocráticas de freá-las, através de leis e impedimentos religiosos.

Mudou-se a forma de puni-las, mudou-se as formas de marginaliza-las, mais o repúdio a discriminação aos maus tratos continua presente, nas formas de se organizar e reivindicar melhores condições de sociabilidade, as mulheres não querem ser superiores aos homens o que elas buscam é igualdade. Igualdade de oportunidades, direitos, igualdade no respeito mútuo, pois conforme relata as escrituras sagradas a mulher foi formada da costela do homem, o que vale ressaltar que ela não está acima do homem nem abaixo deste, mas sim do lado para que possam caminhar juntos na igualdade respeitando suas adversidades.

Em sua obra intitulada *A aventura de contar-se: feminismos*, escrita de si e invenções da subjetividade/ Margareth Rago 2013. Narra a história de mulheres brasileiras que opuseram ao regime militar tornando-se militantes de movimentos sociais em defesa de uma causa social e contra o regime excludente e opressor vivido na época. Muitas mulheres foram presas, torturadas e receberam todo tipo de humilhação e constrangimento possível nas mãos de seus opressores.

Mesmo sofrendo perseguição pelo regime militar implantada no Brasil, as mulheres se mantiveram firmes na luta pelo reconhecimento de seus direitos de igualdade perante a sociedade.

Em Cametá as mulheres ganharam visibilidade pela escolarização, foi através do contato com a cultura escolar que muitas mulheres cametaenses saem do privado e começam a

ganhar espaço e visibilidade no cenário municipal de início como professoras particulares, posteriormente passaram a integrar o corpo docente de instituições públicas e particulares do município e com o passar do tempo um número cada vez maior de mulheres começam a fazer parte das instituições de ensino tanto no fundamental, médio e superior como alunas e também como professoras, mestras e doutoras.

As mulheres romperam com o conformismo e com a tradição patriarcal que as educava apenas para serem donas de casa e boas esposas, não cabe mais em nenhuma sociedade a desvalorização do ser humano, todos de modo geral temos algo a oferecer a sociedade a qual estamos inseridos.

1.2– AS QUESTÕES DE GÊNERO E AS RELAÇÕES DE PODER.

Ao longo dos tempos “elas estiveram ausentes das atividades consideradas dignas de serem registradas para o conhecimento das futuras gerações” e sacrificadas a viver sob a sombra do sexo masculino não podendo ter liberdade de mostrar seu potencial como cidadã capaz de ter ideias ou assumir cargos importantes na sociedade, tornando-a apenas um objeto de desejos masculinos, ocasionando assim a falta da figura feminina na história como peça principal nas narrativas (SOIHET 2003).

Até bem pouco tempo, a história das mulheres foi ignorada pelos historiadores, em parte por que a vida delas, ligadas ao lar ou ao trabalho desorganizado ou temporário, muito frequentemente transcorreu sem ser documentado [...] o descaso total por esse campo faz com que entrar nele cause a emoção de uma viagem de descoberta. Thompson apud (GONÇALVES e LISBOA 2006, p. 19)

Em sociedades pouco desenvolvidas onde o patriarcalismo imperava a figura da mulher era quase invisível, segundo Almeida “Em uma época em que a mulher deveria nortear em direção a casamento e filhos, não era interessante estimular espaços para a sua atuação no mercado” (ALMEIDA 2006). A partir do momento que a mulher passar a ter contato com outras pessoas além do convívio familiar ela se torna um ser politizado, começa a ser influenciada e a influenciar outras pessoas através de experiências de vidas, começando assim as indagações e questionamentos sobre assuntos antes dominados apenas por homens. Gonçalves e Lisboa vem contribuir dizendo:

Nas áreas urbanas, [...] as trajetórias de mulheres e de suas famílias, podem ser tomadas como trilhas de vida no tempo e espaço começando com rotinas cotidianas de movimento estendendo-se a movimentos migratórios, proporcionando vasto material para análise do papel da mulher nos fenômenos migratórios. Da mesma forma, as trajetórias sócias ocupacionais irão mostrar a dificuldade de ascensão na escala da mobilidade social, e ao mesmo tempo apontar a multiplicidade de funções assumidas por estas mulheres, sujeitos múltiplos que ocupam sucessivamente diferentes tipos de ocupações no espaço social (GONÇALVES e LISBOA 2006, p. 20).

Esses novos espaços agora ocupados por mulheres não as isentou do domínio patriarcal haja vista que todos os cargos de gerências destinavam-se ao domínio dos homens, tornando-as submissas e obedientes ao sexo oposto dentro e fora de casa, além do que o trabalho fora do lar ocasiona acúmulos de tarefas à estas. Tornando uma rotina exaustiva levando a muitas destas ao abandono do emprego, pois ainda que o esposo estivesse em casa em um turno muitos deste não contribuía com as atividades domésticas alegando se tratar de trabalho de mulher.

A partir da década de 60 as mulheres começam a ganhar vez e voz através dos movimentos das feministas que começam a surgir, e passam a exigir seus direitos a muito negados, muitas escritas sobre o gênero começam a surgir e ganhar destaque em meios acadêmicos e sociais, trazendo à tona história de mulheres até então desconhecidas.

Muitas destas marcaram uma geração, mostrando que a mulher é capaz sim de modificar o seu lar assim como pode contribuir para moldar a sociedade na qual ela está inserida de maneira atuante e participativa. Segundo Matos “uma influência marcante foi a redefinição do político no âmbito do cotidiano, que contribuiu para o resgate das experiências femininas, restituindo a elas a própria história” (MATOS, 2013).

Com a possibilidade de poder discutir e sugerir ações e soluções que possam trazer melhorias para o lar e a sociedade na qual estava inserida, lhe abre possibilidades de sair do anonimato e tornar-se um sujeito atuante que faz e escreve sua própria história, Segundo Soihet:

[...]trazer à tona experiências de mulheres, invisíveis durante largo tempo, diante de uma história que se manteve centrada na noção de sujeito universal. Distinguir essas experiências e, nelas, a marca das diferenças de gênero vividas por homens e mulheres leva a ampliar e aprofundar a compreensão das relações sociais. (SOIHET 2003, p. 33).

A partir dos anos 80 surgiu uma nova definição para embasar as lutas das mulheres pelos seus direitos tendo em vista que o termo “mulher” não cabia mais para defini-las

adotando assim a palavra “gênero” “buscavam desta forma reforçar a ideia de que as diferenças que se constatavam nos comportamentos dos homens e mulheres não eram dependentes do sexo como questão biológica mas sim eram definidos pelo gênero e, portanto, a cultura”⁶. (SCOTT 1995).

Constatou-se que em várias civilizações em diferentes tempos históricos, a mulher sempre teve um papel submisso em relação ao sexo oposto, em algumas civilizações mais e em outras menos, dependendo da cultura de cada povo, e cansadas de serem tratadas com indiferenças passaram a organizar-se em torno de interesses em comuns surgindo assim os movimentos feministas, e para compreendermos melhor sobre o termo feminismo e suas lutas buscaremos apoio nas palavras de Pedro que diz:

- O feminismo, como movimento social visível, tem vivido algumas “ondas”. O feminismo de “primeira onda” teria se desenvolvido no final do século XIX e centrado na reivindicação dos direitos políticos – como o de votar e ser eleita –, nos direitos sociais e econômicos – como o de trabalho remunerado, estudo, propriedade, herança. O feminismo chamado de “segunda onda” surgiu depois da Segunda Guerra Mundial, e deu prioridade às lutas pelo direito ao corpo, ao prazer, e contra o patriarcado – entendido como o poder dos homens na subordinação das mulheres. Naquele momento, uma das palavras de ordem era: “o privado é político”. (PEDRO 2005, p. 79)

O avanço da sociedade e as conquistas das mulheres progredindo, possibilitou que as mesmas ganhassem espaços de destaque no meio político, social, acadêmico e cultural, ainda que tivessem ganho esses direitos o preconceito era evidente, mas isso não as intimidou segundo Rosa e Porciúncula “reconhecer que muitas delas foram subvertendo a lógica de estarem à margem dos processos de poder e saber através de vários expedientes como a aprendizagem da leitura e da escrita” a persistência fez com que pudessem ter uma “identidade profissional” que não fossem apenas mera “donas de casa” mas agora como professora. Aquela que ajuda na formação social do indivíduo (ROSA e PORCIÚNCULA 2006). Segundo Santos:

Aprofundar reflexões sobre formação docente, refletindo sobre a concepção de profissão e profissionalidade de professores do ponto de vista histórico/sociológico analisando as questões relativas a feminização do trabalho docente. A partir destas reflexões intentaremos compreender o processo de feminização da profissão docente e suas relações com a identidade de gênero desta categoria (SANTOS, 2008).

⁶ História, São Paulo, V.24, N.1, P.77-98, 2005

Ainda que tenham conquistado o direito a escolarização, muitas mulheres não podiam ocupar determinados cargos na esfera pública restando a estas funções que se assemelhavam as atividades domesticas vistas como uma extensão do lar como cuidadora de idosos, enfermeiras, professoras das séries iniciais dentre outras.

“Observa-se que, num meio no qual as formas sociais, as atividades profissionais e as expressões artísticas haviam sido moldadas pelos homens, a expressão feminina não seria nada fácil.” (Rago, 2013), mesmo com tantos percalços as mulheres sempre buscaram ocupar seu espaço através de ações inovadoras que “transformaria a cultura masculina” tornando-os mais flexíveis ao reconhecimento de uma mudança no paradigma social, e contribuir significativamente para o desenvolvimento da mesma. (Rago, 2013, pag. 23)

Essas ações vêm sendo construídas de maneira significativa ao longo dos tempos, através do engajamento dessas mulheres nos meios sociais, políticos e culturais e Rago vem corroborar afirmando “desde os anos 70 em meio à violenta ditadura militar [...] muitas mulheres se uniram e passaram progressivamente a criar novos modos de existir, ocupando os espaços públicos, desenvolvendo novas formas de sociabilidade, reivindicando direitos e transformando a vida social, política e cultural ” (Rago, 2013, p. 24).

Cansadas da submissão e do patriarcalismo muitas mulheres passaram a reivindicar seu lugar de direito na sociedade através do enfrentamento, algumas destas foram presa e torturadas e até mesmo mortas durante o regime militar que se instalou no país o que ocasionou revolta e o fortalecimento dos movimentos feministas.

Com o fortalecimento desses movimentos “conferiu novos sentidos às ações das mulheres e a sua participação na vida social, política, econômica e cultural” (Rago 2013, p. 24), nessa perspectiva a mulher passa ocupar gradativamente cargos importantes em todos os seguimentos da sociedade, seja como executiva de uma empresa multinacional, seja como gerente de banco, assim como o cargo de maior destaque que é o de presidente de um país ou simplesmente ser uma mãe solteira com independência financeira, algo que por muito tempo não eram aceitos pela sociedade, e através dessas lutas fez com “que se ampliasse seus espaços de atuação e representação” (Rago 2013), na contemporaneidade quase que inexistente um lugar que já não tenha sido ocupado por mulheres e estas desenvolveram bem a sua função e Rago vem contribuir dizendo:

Em nossos dias, poucos duvidam da profunda transformação cultural provocada pela maior inserção das mulheres na vida pública. É impossível não perceber o processo de feminização cultural que temos vivenciado, isto é, a maneira pela qual as ideias,

os temas, os valores, as questões, as atitudes, as práticas e os comportamentos femininos foram incorporados na cultura masculina, considerada objetiva, racional e realista, como um resultado muito positivo das pressões históricas do feminismo, num mundo que reconheceu a falência dos modos falocêntricos de pensar e agir. (RAGO 2013, p. 25)

Com sua independência financeira a mulher torna-se autônoma, sociável e participativa podendo se estabelecer e frequentar espaços que outrora era visitado apenas por homens, passando a ser comuns encontrarmos famílias onde a mulher assume o papel de mãe e pai ao mesmo tempo sendo a chefe suprema do lar com a responsabilidade de educar e manter a família financeiramente de maneira responsável e digna.

Podemos exemplificar aqui dona Iolanda dos Santos que sempre teve esse papel de chefe de sua família, mas nem sempre foi assim “basta lembrar que algumas décadas atrás, estas eram divididas em “castas” e “públicas” este último termo designava um setor social estigmatizado e marginalizado” sendo que as mulheres que pertenciam as castas faziam parte das famílias mais abastardas, e moravam nos grandes centros, quanto que as mulheres públicas viviam nos bairros do submundo das cidades (Rago 2013, p. 26).

Além do preconceito sofrido pelo gênero, raça ainda teriam que lidar com a discriminação financeira, sendo estigmatizadas que as mulheres pobres eram tidas como “prostitutas”, em especial as mães solteiras que se desdobravam com o trabalhos domésticos atendendo mais de uma família -lavagem de roupa, diaristas, faxineiras- para poder colocar o alimento diário na mesa de seus filhos, muitas das vezes essa ausência da chefe no lar propiciou a falta de um comprometimento maior dos filhos com a educação escolar causando um retardo na escolarização dos filhos de famílias pobres.

Embora já haja avanços e conquistas das mulheres ao longo das décadas, ainda é visível a desvalorização e reconhecimento de seu trabalho até mesmo por outras mulheres e Rago vem reforçar dizendo:

À medida que chegamos ao fim de um século no qual as mulheres tiveram enormes ganhos, ainda carecemos de um sentido do passado feminista. Outros grupos celebram suas figuras heroicas, mas as mulheres não têm feriados nacionais, dias de celebração de nascimentos e mortes de grandes heroínas. [...] necessitamos conhecer melhor os padrões de nossa própria tradição intelectual, comprometer-se e debater com as escolhas feitas por mulheres cujas vidas icônicas, incansáveis, aventureiras, fazem delas nossas heroínas, nossas irmãs, nossas contemporâneas. Showalter apud (RAGO 2013, p. 42).

Segundo dados do IBGE – com base na Síntese de Indicadores Sociais 2016. A proporção de mulheres no Brasil foi de 51,3% em 2005 para 51,5% em 2015. Dessa forma, no país a razão de sexo foi de 94,3 homens para cada 100 mulheres em 2015⁷, o número de mulheres no Brasil é superior ao número de homens mesmo assim elas ainda representam um número bem inferior quando se referem a postos de trabalhos, principalmente quando se diz respeito a cargos de maior escalão.

Com o avanço da mulher no mercado de trabalho, elas respondem atualmente por 43,8% de todos os trabalhadores brasileiros. Mas a participação vai caindo conforme aumenta o nível hierárquico. Elas representam 37% dos cargos de direção e gerência. No topo, nos comitês executivos de grandes empresas, elas são apenas 10% no Brasil. (IBGE 2016)

A busca incessante por conhecimento é um dos fatores primordiais para o empoderamento das mulheres e dos movimentos feministas dentro e fora das universidades, pois através deste buscam formas de adquirir autonomia e realização profissional moldando assim as configurações sociais do meio no qual está inserida, quebrando paradigmas da cultura patriarcal através da sua sensibilidade busca produzir conhecimentos que vem contribuindo para o fortalecimento das causas feministas e dando esperanças e abrindo horizontes a inúmeras mulheres que ainda vivem na submissão dentro e fora do lar.

Inúmeras pesquisas têm sido desenvolvidas, imersas nesse campo de investigação estudando a produção das identidades de gênero, tanto na escola como fora dela. Suas pesquisas têm contribuído, significativamente, para problematizar as diferenças conferidas a homens e mulheres, a meninos e meninas, produzidas na esteira da cultura (BECK e GUIZZO. 2013, p. 176)

A chegada da mulher ao poder é um caminho que vem sendo percorrido a passos lentos e firmes, os movimentos feministas atualmente se encontram presente em todos os setores da esfera pública reivindicando e empoderando suas conquistas ao longo dos tempos, muitas derrotas foram sofridas o que as tornaram cada vez mais fortes e unidas na luta pelos seus ideais.

Atualmente encontramos mulheres em cargos de chefia nos mais variados setores, ainda que represente menos de 40% desses cargos em relação ao sexo masculino não as tornam

⁷<http://www.feebsc.org.br/2017/03/08/ibge-aspectos-da-populacao-feminina-brasileira-indicadores-sociais-2016/>

intimidadas, pois o papel desempenhado por cada mulher é resultado de sua determinação aliado ao meio em que está inserida.

A escolarização é um fator primordial para sua ascensão, o que facilita seu ingresso no mercado de trabalho, onde “o nível educacional das mulheres é maior do que o dos homens na faixa etária de 25 anos ou mais. A principal diferença percentual por sexo encontra-se no nível superior completo, onde 12,5% das mulheres completaram a graduação contra 9,9% dos homens”⁸.

Ainda que o número de mulheres seja maior em termo de graduação ainda são os homens que lideram em número nos cargos de chefia, herança de uma cultura patriarcalista muito presente em nossa sociedade, mais que vem sendo mudada com a presença das mulheres em ambientes e assuntos antes dominados por homens, com a nova configuração de sociedade estas vem adquirindo autonomia para quebrar paradigmas e impor limites externos no que diz respeito ao seu próprio corpo e desejos como reforça Vieira.

Frente às questões sexuais do passado, a repressão e a anulação da mulher foram substituídas pela liberação e pela independência dos dias atuais. Assim, a mulher contemporânea, com base em novas redes de poder, impõe-se na sociedade em diferentes áreas, inclusive na sexual, tendo espaço para preferências e vontade em assuntos que antes não podiam sequer ser mencionados em discurso privado, quanto mais ser objeto de discurso público. (VIEIRA 2005, p. 219)

Um fator visivelmente intrigante é a falta de apoio de outras mulheres as causas levantadas pelos movimentos feministas, atualmente no Brasil o número de mulheres é maior em relação ou número de homens, no entanto poucas ainda são as mulheres que conseguem chegar ao poder através de eleições diretas com participação popular, mesmo com todos os avanços tecnológicos e midiáticos mostrando as bandeiras levantadas e defendidas pelos movimentos feministas reivindicando espaço, respeito e autonomia para decidir sobre seu próprio corpo.

Em pleno século XXI ainda é muito arraigado as raízes do patriarcado, onde o chefe da família decide pelos demais membros, ditando o que é certo ou errado a ser seguido e copiado. Atitudes como estas são comuns em famílias onde os responsáveis pelo lar tiveram uma educação tradicionalista e patriarcal, e acabam por reproduzir estereótipos e pensamentos machistas que seus pais lhes repassaram em quanto crianças e jovens.

⁸ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

O acesso a novas informações, novas culturas, novas formas educativas (universidades) vêm contribuindo para o alargamento de uma nova mentalidade de mulheres e homens e seu respectivo papel na sociedade proporcionando a redução gradativa de paradigmas enraizados em nossa sociedade, quebrando barreiras e mostrando que a mudança é possível, onde mulheres e homens possam ter os mesmos direitos e viver em harmonia sem que um seja mais que o outro.

CAPÍTULO II

A MULHER E A QUESTÃO DOS SABERES: CULTURA E EDUCAÇÃO NA FORMAÇÃO FEMININA.

2.1 - DA NEGAÇÃO A PARTICIPAÇÃO: EDUCAÇÃO E ESCOLARIDADE DA MULHER.

O engajamento da mulher na vida social não aconteceu de maneira simples, muitas tiveram que subverter o sistema para que pudessem ser aceitas e reconhecidas pela sociedade, outras com suas ideias revolucionárias desafiaram o sistema e foram mortas por tamanha ousadia, em se opor ao machismo desenfreado de uma dada época e sociedade, como foi o caso da francesa Olympe de Gouges que foi guilhotinada em 1793.

Gouges escreveu a declaração dos direitos da mulher e da cidadã em contra partida a declaração dos homens, pedindo que fossem abolidos todos os privilégios masculinos, muitas outras mulheres sentiram na pele o poder opressor de um estado patriarcal, submetendo-as a condições de trabalho desumanas ainda que seu grau de escolaridade fosse superior ao de seus colegas do sexo masculino, estas “trabalhavam mais horas por dia e tinham salários bem inferiores” aos demais. (MOREIRA 2005, p. 29)

E Amorim vem corroborar dizendo

A história revela exemplo de muitas feministas que desafiaram a hierarquia de sua época para que as mulheres pudessem ter os mesmos direitos dos homens. As primeiras reivindicações não obtiveram a aceitação esperada. Receberam críticas, mas permaneceram fiéis aos seus propósitos, com inteligência e determinação modificaram não apenas os próprios destinos e, aos poucos, influenciaram comportamentos e atitudes tanto nas mulheres quanto nos homens mudando o curso da história, de si mesmas e da sociedade. (AMORIM 2007, p. 14)

Muitas dessas mulheres acharam formas mais sutis de subverter as normas vigentes da época, fazendo com que suas ideias fossem inseridas no seio da sociedade sem que sofressem duras críticas, outras tidas como feministas radicais usaram o enfrentamento direto ao sistema e sofreram dura punições.

Com a abertura emergente da necessidade de se trabalhar fora “Mulheres trabalhadoras rompem o silêncio em reivindicações [...] e foram capazes de se organizar adequadamente a ponto de garantir uma efetiva transformação em sua condição de inferioridade” (AMORIM 2007, p. 15).

Os movimentos feministas viram nessa oportunidade a possibilidade de agregar forças com as demais mulheres que faziam parte do corpo operário dentro das fabricas e assim pudessem reivindicar por seus anseios de melhores condições de trabalhos, renumeração equivalente as horas trabalhadas, dentre outros.

A possibilidade de se trabalhar em ambientes não domésticos possibilitou a muitas mulheres mais autonomia, pois estas passaram a ter contato diários com outras pessoas fora do seu convívio familiar, ocasionando na troca de experiências de vidas, abrindo horizontes tão sonhados em prol de objetivos em comuns.

A partir do memento que estas se organizam em grupos passam a surgir pequenas reivindicações que vão abrindo caminhos a novas conquistas cada vez mais significativas. O anseio por mudanças nos paradigmas da sociedade tradicional fez com que muitas mulheres com pensamentos e ideias avançadas para sua época tomassem iniciativas e fossem à luta por mais respeito, dignidade e igualdade entre sexos, pois as mulheres também são capazes de exercer as mesmas funções que os homens, mais para que isso ocorra elas precisam de oportunidades.

Sabemos que as mudanças sócias são lentas e que acontecimentos extraordinários são capazes de impulsionar e acelerar as transformações alterando paradigmas em um curto espaço de tempo. Tradições e costumes milenares de uma sociedade também podem ser modificados radicalmente. A humanidade de hoje não é mais a de ontem, e [...] as sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente. Essa é a principal diferença entre as sociedades “tradicionais” e as “modernas”. (AMORIM 2007, p. 12)

Com uma participação muito limitada na sociedade, a mulher sempre foi tolhida no seu modo de pensar e agir por um sistema de dominação masculina, e com a abertura da escolarização feminina essa participação começa a acontecer de maneira mais expressiva e logo começa a ganhar forças entre as mulheres, com o domínio da leitura e escrita estas passam a compreender melhor as leis que as aprisionam ao patriarcalismo.

A educação formal passa a ser sua maior aliada na buscar por meios legais de subverter-se a tal dominação, ou burlar as leis que as oprimem, muitas buscam através de romances e contos, -literaturas que tem como público alvo as mulheres- formas de disseminar suas ideias e pensamentos com o objetivo de que suas leitoras tomem consciência de sua importância para a sociedade e assim somar forças para que possam reivindicar o reconhecimento como cidadãs portadoras de respeito e direitos.

Inicialmente a escolarização feminina se deu no âmbito privado para que estas se tornassem boas dona de casa, educadas que pudessem educar sua prole ainda cedo no interior de seu lar. Como guardiãs do lar tinham como principal responsabilidade a “transmissão dos primeiros valores e aperfeiçoamento moral dos filhos”. (MOREIRA 2005, p.30)

As crianças ainda pequenas já cresciam recebendo instruções de bons modos e culturas os quais eram repassados pelas suas genitoras que era a principal responsável pelo caráter dos filhos.

As últimas décadas do século XIX, apontam para a necessidade da educação da mulher, vinculando-a à modernização da sociedade. Em decorrência do novo papel, as meninas ricas e casadoiras, que durante muito tempo tiveram sua escolarização atrasada em relação aos meninos, passaram a receber, além dos conhecimentos inerentes a sua condição de “boa dona de casa” e “boa mãe”, aulas de pianos, francês, canto e dança, de modo a proporcionar companhia mais atraentes nas reuniões sociais. (MOREIRA 2005, p. 31)

Mesmo com a possibilidade de instruí-se, as mulheres ainda tinham dificuldade de avançar nos estudos, estas em diversas sociedades casavam-se muito jovens decorrentes de “pactos entre famílias e obedeciam a interesses dos homens” ocasionando no abandono dos estudos para dedica-se a família e as atividades domésticas, mas sempre existiram aquelas que “transgrediram” as regras, e se tornaram independentes para fazer suas escolhas no que refere-se ao casamento, as que possuíam dotes desembolsavam valores altos para terem o direito de “escolhe seu marido”. Diferentemente do comportamento das mulheres de classes mais inferiores. (MOREIRA, 2005)

As mulheres das classes populares tinham um padrão específico de comportamento, ligado à sua condição concreta de existência. Trabalhavam para seu sustento e de sua prole. Transitavam com menos inibição nos espaços públicos, já que era nas praças e nos largos que costumavam reunir-se para conversar, discutir ou se divertir [...] (MOREIRA, 2005, p.33)

É visível a discrepância de instrução entre as mulheres da época, onde o pai exercia total controle sobre os filhos em especial as mulheres, enquanto que uma parte destas recebiam uma educação refinada e voltada exclusivamente para se arranjar um bom pretendente e casar-se ainda que o grande beneficiado sempre foram os homens (pai e esposo da noiva) pois um bom pretendente o ajudaria a elevar seus status perante a sociedade e assim poder manter os padrões sociais almejado por ambos.

Quanto que outras pouco ou nada recebiam de instruções e andavam livremente pelos espaços públicos tecendo relações supostamente de amizades com as pessoas que frequentavam o mesmo espaço, essas relações contribuíram para que muitas destas mulheres pudessem sustentar seu lar através de pequenas vendas que estas faziam e em muitos casos pela prostituição. Nesse período a educação feminina estava voltada única e exclusivamente para o casamento.

A ideia de submissão feminina, cultivada com o apoio da igreja, por muitos séculos proibiu o acesso das mulheres à instrução e à cultura, pois declarava que aprender a ler e a escrever comprometia a ordem social e que de nada lhes serviria na realização das funções domésticas. Essa ideologia era utilizada como o pretexto de que o conhecimento faria com que as mulheres se desviassem do que realmente era importante, cuidar do lar e da família. (AMORIM, 2007, p.28)

A igreja sempre foi uma grande incentivadora do patriarcalismo, sempre pregando a total “submissão feminina” aos homens, condenando “o acesso das mulheres à instrução e cultura”, como uma coisa fútil e que nada ajudaria na sua real missão, que era cuidar do lar e da família. Conceito repensado tempos depois com o surgimento de uma educação laica fundada pela ordem protestante a qual dava acesso às mulheres que quisessem instruir-se abrindo possibilidades de uma nova perspectiva de vidas a estas (AMORIM, 2007).

Com o passar do tempo surge a necessidade emergente da inserção das mulheres no mercado de trabalho e consequente uma melhor escolarização que lhes permitisse desenvolver melhor suas atividades no ambiente ao qual está inserida, e a educação foi essa válvula de escape que possibilitou uma maior autonomia tanto para exercer melhor sua função no interior das fábricas como também permitiu sua inserção em outros ambientes como a docência função até então “exercida apenas por homens como um trabalho extras”, muitos dos professores da época tinham a “docência apenas como um passatempo enquanto esperavam exercer a sua real função ou simplesmente para ganhar um dinheiro extra” (AMORIM, 2007).

A presença das mulheres se torna cada vez mais intensa nas escolas que as possibilitariam uma maior oportunidade de aquisição de conhecimento e cultura ainda que este conhecimento fosse limitado, pois havia “distinção de disciplinas ministradas às mulheres das que eram ensinadas aos homens”. O que as tornavam aptas a exercer a função de professoras nas séries mais básicas enquanto que os homens se ocupavam das séries mais elevadas, “com o surgimento das escolas normais para meninas as possibilidades de igualdade de conhecimento entre os sexos vislumbram essa parcela da sociedade”, e faz com que os espaços escolares fossem preenchidos cada vez mais com um número expressivo de mulheres em busca de conhecimento (AMORIM 2007)

“Muitas mulheres viram na docência uma oportunidade para se tornarem independentes e autônomas” rompendo com os preceitos vigentes da época tanto religiosos quanto sociais, passam gradativamente a fazer parte da história, passam a construir seu presente e futuro forjado de lutas e reivindicações, deixando de ser figurantes de um passado onde tudo era regido pelos

seus pais, esposos e irmãos, elas se tornam protagonistas de ações em espaços antes ocupados apenas por homens, passam a construir sua própria história (AMORIM 2007).

“Com o surgimento do regime republicano no Brasil e apoiado pelas ideias liberais começam a surgir escolas mistas no país possibilitando assim a igualdade de instrução entre os sexos, abrindo novas possibilidades as mulheres”, desta forma estas poderiam instruir-se e ter cultura assim como os homens e concorrer de igual modo com estes aos postos de trabalho onde eram aceitos a presença feminina (AMORIM 2007).

Com o advento da “escolarização feminina”, muitas mulheres buscam no magistério a possibilidade de expansão de conhecimentos e possibilidades de crescimento profissional o que ocasionaria adentrar cada vez mais em “espaços até então dominados por homens”, ainda que sua presença fosse restrita a determinados setores e funções estas não se amedrontaram em meio aos desafios impostos pela sociedade em geral (AMORIM 2007).

A autora ressalta que as mulheres romperam com as barreiras do preconceito e vão em busca de seus ideais, e o ponto de partida é o acesso a instrução e cultura até então destinado apenas aos homens, partir do momento que estas passam a ter acesso aos mesmos conteúdos que os meninos elas não pararam mais, constantemente elas estão em busca de cada vez mais conhecimento dentro das instituições de ensino.

“Com o passar dos tempos à docência passou a ser uma atividade feminina por ser vista como uma extensão do lar”, e mesmo não sendo uma profissão bem renumerada, ainda assim era uma atividade que dava status a estas mulheres levando em consideração outras atividades exercidas por outras na época como as “governantas, costureira, parteira”, lhe dava autônoma de ir e vim desacompanhadas ao trabalho, além de possibilitar “as mulheres menos graciosas” a chance de casar-se por ter uma atividade renumerada (AMORIM 2007).

E quando casavam muitas abandonavam o trabalho enquanto que outras acumulavam funções no âmbito do privado e no público conforme reforça Araújo 2004.

A natureza privada do seu trabalho revela-se, ganhando-se o sentido de quanto as suas vidas se construíram em torno de dois lugares de trabalho, tanto no espaço doméstico, em que as responsabilidades e deveres da casa, das crianças e do companheiro recaiam sobre elas, como na escola. Havia semelhanças entre o trabalho realizado em ambos os espaços. De facto a professora chegava ao seu segundo lugar de trabalho para repor a sua relação tradicional com as crianças [...]. Noutros momentos, os seus deveres domésticos estendiam-se para a escola, em termos de educar suas próprias crianças como seus alunos/as ou guardando-as na sala de aula, desde o berço. (ARAÚJO 2004, p. 317)

A autora ressalta a dupla jornada enfrentada pelas professoras diariamente, e a semelhança nas atividades desempenhadas por elas tanto no social quanto no privado que em certos momentos se confundem pela dedicação empregados em ambos os casos.

A possibilidade que as mulheres tiveram de trabalhar como professora foi justamente por se tratar que a profissão era tida como uma extensão do lar, o cuidar das crianças e ensinar-lhes os princípios morais, foram alguns dos muitos pretextos sustentados por estas para que houvesse a possibilidade de exercer a função de professora sem que a sociedade de modo geral pudesse condena-la pela busca do conhecimento e o engajamento na vida social de maneira mais participativa e atuante, o que lhe permitiu maior autonomia, e ser tratada com mais respeito e dignidades através da função exercida por estas.

[...]a importância da sua autonomia e independência como mulheres trabalhadoras fora da “esfera doméstica”, atribuindo ao ensino um sentido central nas suas vidas em relação à forma como lutaram nas suas vidas “privadas”, umas mais que as outras, tiveram que confrontar muitos momentos de decisões solitárias, independentemente dos companheiros. Sentiram assim que o seu trabalho constituiu uma forma de poderem manter a sua própria independência (pelo menos, em matérias que consideravam importante) e também de influenciarem a comunidade. (COSTA, 2004, p. 317-318)

Muitas destas professoras foram “deslocadas para trabalhar em regiões afastadas do centro”, tiveram que abandonar suas famílias e viver uma nova realidade, realidade essa que em muitos casos totalmente adversa a qual estava acostumada nos grandes centros, nesses novos espaços ocupados agora por elas, estas tinham que adequar-se aos costumes existentes no local, que em geral eram mais conservadores que os centros urbanos (AMORIM, 2007).

“Na comunidade rural a força de trabalho das famílias dependia diretamente da participação ativa dos filhos”, trabalhando de maneira exaustiva de sol a sol nas lavouras para ajudar no sustento do lar, e as professoras deveriam ser flexíveis em relação a isso, pois a estas não lhes era permitido manifestar qual quer opinião em relação a vida familiar de seus alunos, mesmo com a autonomia da profissão estas ficavam impedidas de manifestarem suas opiniões na comunidade a menos que fossem solicitadas, e se essa professora fosse “divorciada” era mal vista pela sociedade ficando “limitada sua participação” estritamente a sala de aula (AMORIM, 2007).

E no município de Cametá não foi diferente, à docência foi a porta de acesso de inúmeras mulheres ao reconhecimento social no município, o que levou a professora Maria Cordeiro de Castro para a conquista de espaço perante a sociedade cametaense possibilitando assim sua atuação por mais de 50 anos na arte de ensinar, ganhando o respeito e admiração pela dedicação

ao compromisso de educar não apenas os filhos das famílias abastardas, mas da sociedade em geral, onde não havia distinção de tratamento aos seus alunos.

Mesmo com tantas lutas vencidas ainda há muito que se fazer, atualmente o número de mulheres é superior ao número de homens, elas representam a maioria no mercado de trabalho, assim como nas instituições de ensino tanto como docentes como discentes, e conquistando cada vez mais lugares até então ocupados apenas por homens, a participação feminina está cada vez mais expressiva e atuante nos mais diversos seguimentos sociais, demonstrando que as mulheres são capazes de exercer qualquer função exercida pelos homens, precisam apenas de oportunidades e incentivos que lhes favoreça autonomia para demonstrar seu potencial.

CAPÍTULO III

NAS TRAMAS DA MEMÓRIA: A PARTICIPAÇÃO FEMININA NA TERRA DOS ROMUALDOS.

3.1 – HISTÓRIAS DE VIDA (RE)CONSTRUINDO MEMÓRIAS

Através de uma análise biográfica buscamos compreender melhor as circunstâncias em que as mulheres focos da pesquisa viveram e sobreviveram sob forte pressão de dogmas patriarcal reproduzidos pela sociedade da época, seus anseios e angustias. Daí, porque, leituras das obras de autores, como: Rago (2013), Abrahão (2003, 2004) vêm contribuir de maneira significativa para o bom desenvolvimento da presente pesquisa.

Sendo que, a análise biografia é uma importante ferramenta para que possamos conhecer os métodos e procedências em uma pesquisa relacionadas a história oral e escrita assim como também as narrativas, através da leitura de autores com experiências no assunto possibilita uma maior interação entre o pesquisador e o objeto pesquisado, dando uma compreensão e um olhar diferenciado acerca da realidade pesquisada. Segundo Abrahão (2003).

A pesquisa autobiográfica - Histórias de vida, biografias, autobiografias, memórias – não obstante se utilize de diversas fontes, tais como narrativas, história oral, fotos, vídeos, filmes, diários, documentos em geral, reconhece-se dependente da memória. Esta, é o componente essencial na característica do(a) narrador(a) com que o pesquisador trabalha para poder (re)construir elementos de análise que possam auxiliá-lo na compreensão de determinado objeto de estudo (ABRAÃO 2003, p. 80)

Para Gonçalves e Lisboa, “a pesquisa qualitativa tem sido resgatada nas ciências sociais, por considerar que ela abarca uma relação inseparável entre [...] o mundo objetivo e a subjetividade dos sujeitos pesquisados” (GONÇALVES e LISBOA, 2006). Podemos observar a dificuldade que as pessoas têm em falar do passado, algumas ficam na defensiva, ficam retraídas para contar sobre sua vida pessoal, ora por acontecimentos que preferem esquecer cujas lembranças trazem à tona sentimentos indesejáveis, ora por constrangimentos e vergonha dos mesmos e preferem ausentar-se de comentários para que não sejam levados a público.

Abrahão chama de “expressão da memória seletiva o corria quando o narrador intencionalmente selecionava a informação, ou para não lembrar fatos desagradáveis, muitos dos quais chegavam a lhe recordar situações de intenso sofrimento, ou para não declinar situações que achavam não deveriam vir a público” (ABRAHÃO 2003, p.89), tornando uma coleta de dados superficial e cheio de lacunas e cabe ao pesquisador preencher esses espaços com as informações explícitas em cada detalhe observado.

Muitos fatos não são ditos por palavras do entrevistado, mas seus gestos dizem muita coisa, a pausa no meio de determinado assunto, um olhar distante, um sorriso amarelo ou um rosto fechado, essas expressões feitas em meio a determinado assunto, podem nos dizer muito durante uma entrevista e nos ajudaram a preencher as lacunas citadas a cima.

Podemos observar também as evidências da “expressão de reconstrutividade memorial [...] quando o narrador realmente ressignificava o fato no momento da enunciação” (ABRAHÃO 2003, p.89), tornando repetitivo fatos ocorridos em determinados momentos das entrevistas, buscando sempre destacar e dar significação ao mesmo como um ponto de convergência de suas falas, e Abraão vem contribuir dizendo.

O fato de reconhecemos e aceitarmos a reconstrutividade da memória como percepções pessoais da “realidade”, que é ressignificada ao longo das trajetórias de vida, em virtude de novas vivências e, mesmo, da perspectiva tri-dimensional do tempo narrativo, [...] não elide que, na interpretação das informações, também lhes imprimamos, pela triangulação do conteúdo das narrativas com o de outras fontes: documentos, narrativas de outras pessoas, etc. (ABRAHÃO 2003, p.93)

Ao confrontarmos os dados da pesquisa podemos nos defrontarmos com informações desencontradas entre as fontes, nesse caso devemos levar em consideração que “a interpretação do investigador não desqualifica a interpretação/reinterpretação do narrador, que será respeitada em seu *estabelecimento de verdade*”, (ABRAHÃO 2003, p. 93).

Levando em consideração a narrativa dos atores como “referência da verdade” com duas perspectivas, no pessoal/social onde se valorizam suas individualidades e na contextual onde os indivíduos são produtos/produtoras do tempo/espço em que vivem, pois vivemos em sociedade e é natural que durante as narrativa sejam “incluídas pessoas que de alguma forma tenham marcado a vida do narrador, assim como também há registros que ajudam a contar com mais riqueza de detalhes passagem importantes que contribuirão no desenvolvimento da pesquisa e Figuerôa vem afirmar que:

[...]nenhuma fonte fala por si. São muitas as mediações entre os documentos e as leituras possíveis, seja qual for sua natureza: depoimentos orais, documentos oficiais, documentos pessoais, textos impressos e manuscritos, espécimes, instrumentos, fotos cadernetas de anotações, [...]. De cada um extrai-se certas informações, e outras mais, a depender das perguntas que fazemos e que são constantemente reformuladas, conforme se utilizam as interrogações que o presente faz ao passado. (FIGUERÔA 2007, p. 3-4).

Esse fenômeno ocorre pelo fato do homem viver em sociedade, logo sua história de vida se confunde com a história de tantos outros sujeitos, suas vidas se entrelaçam à medida que compartilhar os mesmos anseios e ideais de uma vida prospera.

3.2 – O FEMININO NA TERRA DOS ROMUALDOS.

Ao longo da história do município de Cametá-Pa, muitas mudanças significativas vêm ocorrendo no que tange a participação feminina nos espaços públicos e sociais, ainda que estas ocorram em passos lentos, mas de extrema importância para a atuação e reconhecimentos das mulheres na sociedade, de maneira tímida elas saem do privado em direção ao social e público e aos poucos começam a se destacar demonstrando autonomia e poder em suas escolhas e decisões, muitas destas buscam através da escolarização uma oportunidades de reconhecimento e crescimento profissional, desta forma deixam o enclausuramento do lar para se lançarem a uma vida social e pública; e por que não política?

A escolarização foi a porta de entrada das mulheres cametaenses, no universo social e político no município, estas deixaram de ser apenas donas de casa e passaram a dedicar-se mais aos estudos e a formação no magistério lhes proporcionou autonomia e independência financeira através do seu ingresso no mercado de trabalho em especial no ramo educacional, muitas destas professoras se destacaram no município abrindo possibilidades de sua inserção em outros seguimentos sociais como o religioso e político.

A participação feminina na política cametaense teve/tem um papel de primordial importância no município, mesmo quando estas ainda não tinham autonomia para serem votadas muitas exerciam o poder de incentivar seus pais, irmãos e esposos nos pleitos eleitorais, serviam como cabos eleitorais arrebatando votos para os mesmos, através do seu carisma e relação de boa convivência com a comunidade religiosa a qual estava inserida.

No ano de 1947, Maria Cordeiro de Castro, se lança como candidata a vereadora, pelo Partido Social Democrata (PSD), e foi eleita pelo voto direto, demarcando de maneira ativa a figura feminina na política cametaense (DUARTE, 2016, p. 33). Desde então essa participação se torna frequente no cenário político.

Outras, no entanto, direcionam suas vidas a arte de ensinar, tornaram-se professoras dedicadas e requisitadas para educar os filhos de Cametá, cujos feitos lhes rendem admiração e respeito da sociedade local. Reconhecimentos estes eternizados em nomes de escolas e órgãos

públicos espalhados pelo município, como podemos citar os nomes das professoras: Osvaldina Muniz, Nazaré Peres, Noêmia Martins, Valda Valente, entre inúmeras outras.

Da mesma forma, não podemos esquecer as mulheres guerreiras e destemidas que atuavam/atuam como parteiras, benzedadeiras, puxadeiras na zona rural e ribeirinha do município de Cametá, ajudaram e ajudam centenas de crianças em seus nascimentos. Essas mulheres tiveram/tem um papel social muito importante nas comunidades a qual pertenciam/pertencem, mulheres detentoras de poder e conhecimentos populares repassados de geração em geração.

Suas atuações foram/são de fundamental importância para o desenvolvimento dos povoados nos quais pertenciam/pertencem, saberes estes sempre aprimorados em cada nova situação a qual eram/são desafiadas. Meninas/mulheres que desde muito cedo aprendiam/aprendem através da observação no convívio com as mais experientes, o domínio das práticas tradicionais da benzeção e a cura do corpo através da medicina caseira.

Em alguns povoados quilombolas da região eram as mulheres as detentoras de maior poder de decisão na comunidade, direcionando os trabalhos e servido de conselheira da comunidade. Atualmente o número de mulheres detentoras de poder no município é superior ao número de homens, isso se dá pelo fato dos gestores escolares serem em sua grande maioria composta por mulheres, e nas empresas privadas quase sempre é o nome da esposa que estampa a razão social das empresas.

Até bem pouco tempo as mulheres se ocupavam apenas em estudar ou com atividades voltadas ao lar, com a modernidade e as tecnologias acessíveis, estas partiram em buscas de novos sonhos e novos ideais. O casamento hoje não é mais uma prioridade em suas vidas, buscam primeiramente, uma estabilidade financeira e status e só depois o casamento.

O lugar da mulher na contemporaneidade é onde ele queira estar, não há limites para suas escolhas, eles se tornaram donas de seus próprios destinos, lutando e reinventando modos de viver e conviver com o outro.

3.3 – MULHERES, SEUS SABERES E PODERES

Mulheres e homens tem sua personalidade moldada pela sociedade a qual pertence, quer seja em sociedades tradicionais patriarcais quer seja em sociedades com pensamentos “progressistas libertadores”, independente do meio em que estamos inseridos sempre buscamos aceitação por parte dos membros da comunidade, sempre buscamos a igualdade de direitos ainda que sejamos diferentes em nossas ações, etnia, credo e classe social.

Mesmo na contemporaneidade com pensamentos progressistas libertadores buscamos a todo instante a aceitação e reconhecimento de nossos direitos a muitos negados, não queremos apenas ouvir, mas também ser ouvido, cumprimos nossos deveres e queremos exercer nossos direitos em plenitude⁹, pensamentos como estes sempre fizeram parte do cotidiano de mulheres e homens menos favorecidos, mas que sempre ecoaram de maneira mais acentuada no íntimo das mulheres, como, Maria Cordeiro de Castro e Iolanda dos Santos. Mulheres que sentiram na pele o preconceito e rejeição de uma sociedade tradicional e patriarcal embalados pelos dogmas da igreja e exercido por uma minoria elitizada.

Maria cordeiro de castro nasceu em Cametá no dia no dia 05 de setembro de 1905, filha de Raimundo Cordeiro e Ana Cordeiro de Castro, teve duas irmãs Silvia Cordeiro de Castro e Dulce Cordeiro de castro, seu pai um cidadão bem-sucedido financeiramente proprietário de uma funilaria com 15 máquinas e um assíduo escritor do “jornal de Cametá”, *sempre preocupado com a Preservação da história de sua cidade*, sua residência localizada em uma área nobre da cidade, com vista privilegiada para o rio Tocantins.

Maria Cordeiro morava num bairro chamado Cametá chique, que era ali ao lado da clínica Dr. Ângelo Corrêa, lá era chamado de Cametá chique por que o povo que morava lá era um povo abastado, povo que tinha dinheiro, lá tinha um paredão, tinha umas casas de pedra, tinha um porto e tinha uma feira, então eram duas feiras, um porto real aqui -onde se localiza atualmente o mercado de peixe- e lá o porto do Cametá chique.(Dmitryus Pompeu, entrevista realizada no dia 18 de agosto de 2017)

O fato de Raimundo Cordeiro ser escritor pode ter sido o ponto crucial para que sua filha Maria Cordeiro tivesse despertado o interesse pela leitura e escrita, o que a levaria, aos 24 anos de idade, torna-se professora e a principal responsável pelo “Externato Cordeiro” surgido no ano de 1929, que passou a funcionar no espaço que outrora era ocupado pelas máquinas da funilaria de seu pai, que foram vendidas após a decadência do ciclo da borracha na região e o enfraquecimento do comércio de seus produtos.

Maria Cordeiro Começou como professora para alguns poucos alunos em sua residência, atendendo em um mesmo espaço multiséries. No início era professora de uma clientela pequena, que com o passar do tempo só aumentava, aumentando também a sua visibilidade como professora. Dmitryus Pompeu narra a seguir a participação desta professora na educação de Cametá:

Maria Cordeiro foi uma mulher tão influente na educação em Cametá que sem ter uma formação para tal [...] a qualidade da formação dela era tão boa que os alunos saiam

⁹ Entrevista de Vanessa Fogassa (Jornalista e mestranda em Sociologia pela UFPR) à TV Campus - Debate Uni Brasil 10- Mulher na Política, programa exibido no dia

daqui e iam fazer exames em Belém e passavam, hoje se for perguntar para os professores tradicionais de Cametá, professores que tem nome, todos passaram pelas mãos da Maria Cordeiro. (Dmitryus Pompeu, entrevista realizada no dia 18 de agosto de 2017)

Uma professora tradicional e conservadora e que atendia aos moldes patriarcais da época e que foi ganhando reconhecimento e prestígio perante a sociedade cametaense ocasionado assim um aumento significativo de número de alunos nas décadas seguintes em seu externato, concorrendo em número de estudantes com a Escola Dom Romualdo de Seixas, o qual perde o título de “Grupo Escolar” e passa a ser denominado “Escolas Agremiadas” por ser composta por poucos alunos em suas salas de aulas, em quanto que no Externato Cordeiro o número de alunos só crescia a cada ano. (Informações do acervo pessoal de Flávio Gaia).

Por não ter uma formação para atuar como professora, seus alunos prestavam o exame final no Grupo Escolar Dom Romualdo de Seixas para poderem receber o certificado no quarto ano do ensino elementar e no quinto ano do ensino complementar, esses alunos iam para Belém fazer exame de admissão e nunca nenhum aluno da Maria Cordeiro foi reprovado no exame de admissão. (Professora Benedita Braga – aluna da Maria Cordeiro-, entrevista realizada no dia 18 de agosto de 2017)

Mesmo sem uma formação para ser professora, Maria Cordeiro de Castro sempre foi muito requisitada para atender aqueles que quisessem e pudessem pagar pela educação de seus filhos, era um status para os alunos poderem dizer que estudavam no Externato Cordeiro, pelo grande prestígio e reconhecimento que a escola tinha perante a sociedade, muitos dos alunos que passaram pelos seus cuidados e que fizeram exame de admissão nas escolas da capital foram bem-sucedidos.

Nesse período era status dizer que estudava na escola da Maria Cordeiro, ela era uma professora rígida e tradicional, colocava de castigo mesmo, ela malinava, bulinava com o aluno mas ele acabava aprendendo, ela colocava de joelho no chão, no milho, ela usava palmatoria, era um padrão normal, o professor “era” autoridade, “tinha” autoridade, os pais “davam” autoridade para o professor, pra se ter uma ideia, a professora Maria Cordeiro mandava bilhete para o pai pelo aluno, do mal comportamento do mesmo, e o próprio aluno mal comportado levava e ele ia entregava e trazia de volta assinado pelo seu pai, então até nisso ela buscava no aluno a honestidade e o respeito (Dmitryus Pompeu, entrevista realizada no dia 18 de agosto de 2017)

Mesmo sendo mulher Maria Cordeiro reproduzia estigmas patriarcais em seu modo de ensinar e gerir sua escola, agindo com severidade e autoridade incontestável sobre seus alunos, impondo-lhes castigos e limites excessivos em suas condutas diárias, provavelmente tenha sido

por esse motivo que tenha ganhado respeito e admiração da sociedade em especial as mais abastardas em um período onde o conservadorismo patriarcal reinava supremo.

Em 1953, por atender a mais de cem alunos o Externato Cordeiro é elevado a Instituto, e por sua devoção a Nossa Senhora o instituto denominou-se Instituto Nossa senhora do Rosário de Fátima. Maria Cordeiro sempre é citada como um uma mulher muito religiosa e prestativa aos serviços da igreja, sempre atuante nas atividades da mesma, como a festividade do Padroeiro do Município “sua participação na igreja Católica se dava principalmente na Organização da festividade de São João Batista [...] visto que a religiosidade sempre foi tomada como característica positiva para as mulheres” (DUARTE 2016, p. 38)

Outro ponto citado pelos entrevistados da pesquisa faz referência a forma como seus alunos desfilavam no período da semana da pátria, destacando que o Externato Cordeiro não desfilava em outro dia se não fosse no dia 7 de setembro.

Um outro padrão de qualidade dela era na marcha, era uma curiosidade por que nunca vi nenhuma escola marchar da forma como Maria Cordeiro -escola-marchava, ela tinha um padrão que o aluno dava três passos para frente e dois para traz e nenhum aluno errava o passo, era a única escola que fazia isso, pensa no tempo que ela levava da escola dela até o local do desfile que na época era na rua São João Batista. (Professora Benedita Braga, entrevista realizada no dia 18 de agosto de 2017)

Mesmo sendo um percurso longo os alunos eram obrigados a marcharem no mesmo ritmo desde a escola, passando pela travessa Dom Romualdo de Seixas e contornando em frente ao mercado de carne para poder seguir até o local do desfile que na época ocorriam na rua São João Batista nas proximidades da Igreja Matriz.

Pela dedicação de mais de 50 anos de sua vida à educação, a professora Maria Cordeiro de Castro recebeu várias homenagens de reconhecimento pelo seu trabalho, dentre elas um diploma de reconhecimento pelo seu trabalho como educadora, que foi expedido pelo em tão governador da época, Coronel Magalhães Barata.

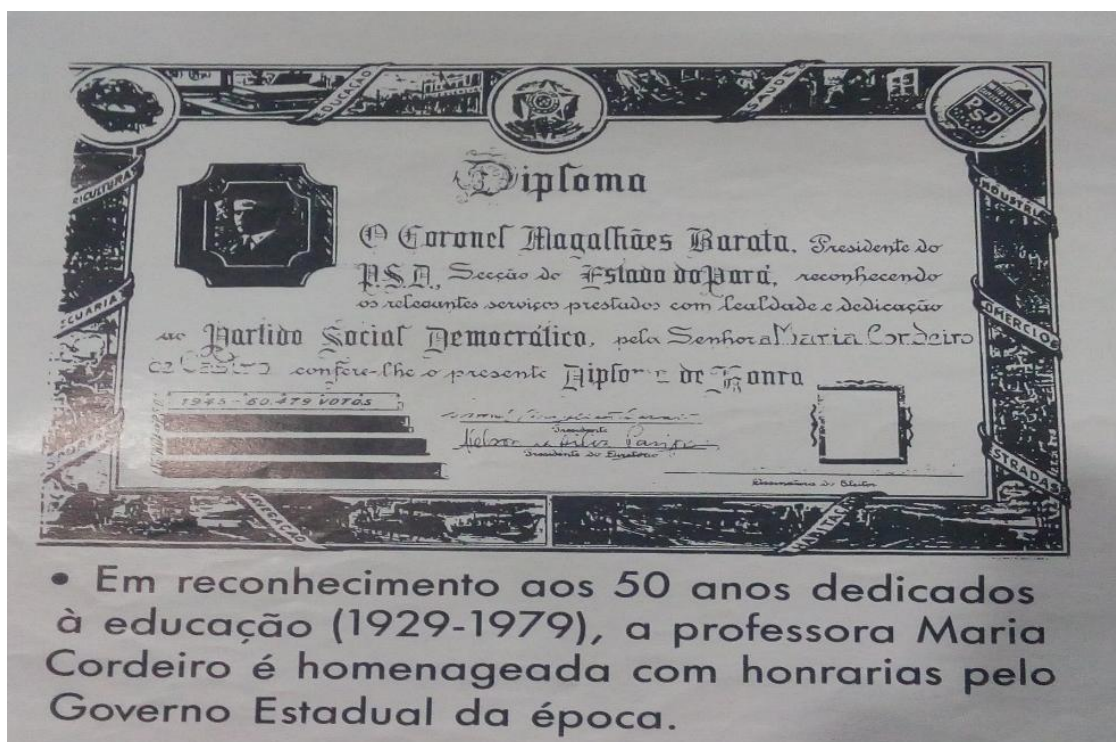


Imagem 03- Diploma em Reconhecimento aos 50 anos dedicados a Educação

Acervo particular Flávio Gaia

Outra importante homenagem recebida ainda em vida pela professora Maria Cordeiro foi durante a inauguração de uma escola, localizada na travessa Padre Antônio Franco, bairro Matinha, que recebeu seu nome: “Escola Municipal de 2º Grau Professora Maria Cordeiro de Castro”. Contudo embora a referida escola tenha sido inaugurada como uma escola de 2º, mas atendia apenas o ensino fundamental. Esta escola foi inaugurada em 1983, durante a gestão do prefeito José Valdoli Filgueira Valente, que por sinal foi seu aluno, e que na condição de gestor municipal, posteriormente cedeu o prédio para funcionamento de um polo da Universidade Federal do Pará, atual Campus Universitário do Tocantins. Após a construção de outros prédios nestes Campus, o prédio administrativo, que se localiza na entrada do referido Campus Universitário, recebeu o nome de Maria Cordeiro de Castro. Contudo, a placa da primeira escola ainda se encontra fixada em uma das paredes do antigo prédio. Outra homenagem rendida a Professora Maria Cordeiro encontrasse na localidade de vacaria, cuja Escola local recebeu seu nome, Municipal de Ensino Fundamental Profª Maria Cordeiro de Castro



Imagem 04- Placa de inauguração da escola Municipal de 2º grau Profª Mª Cordeiro de Castro

A professora Maria Cordeiro de Castro, em 1948, aos 43 anos de idade, se tornou a primeira mulher a assumir uma cadeira na câmara de vereadores no município de Cametá, após o aceite do convite do senhor Nelson Parijós para se candidatar a vereadora pelo partido PSD (Partido Social Democrático), mesmo partido do então Governador na época, Coronel Magalhães Barata, foi eleita com 612 votos, passando a atuar em um ambiente até então composto apenas por homens, “A professora Maria Cordeiro passou quase toda a sua vida gerindo essa escola -Externato Cordeiro - e por esse conhecimento, por essa ligação com as famílias ela acabou sendo eleita a primeira vereadora mulher em Cametá”¹⁰.

¹⁰ Alberto Mochel entrevista realizada em sua residência no dia

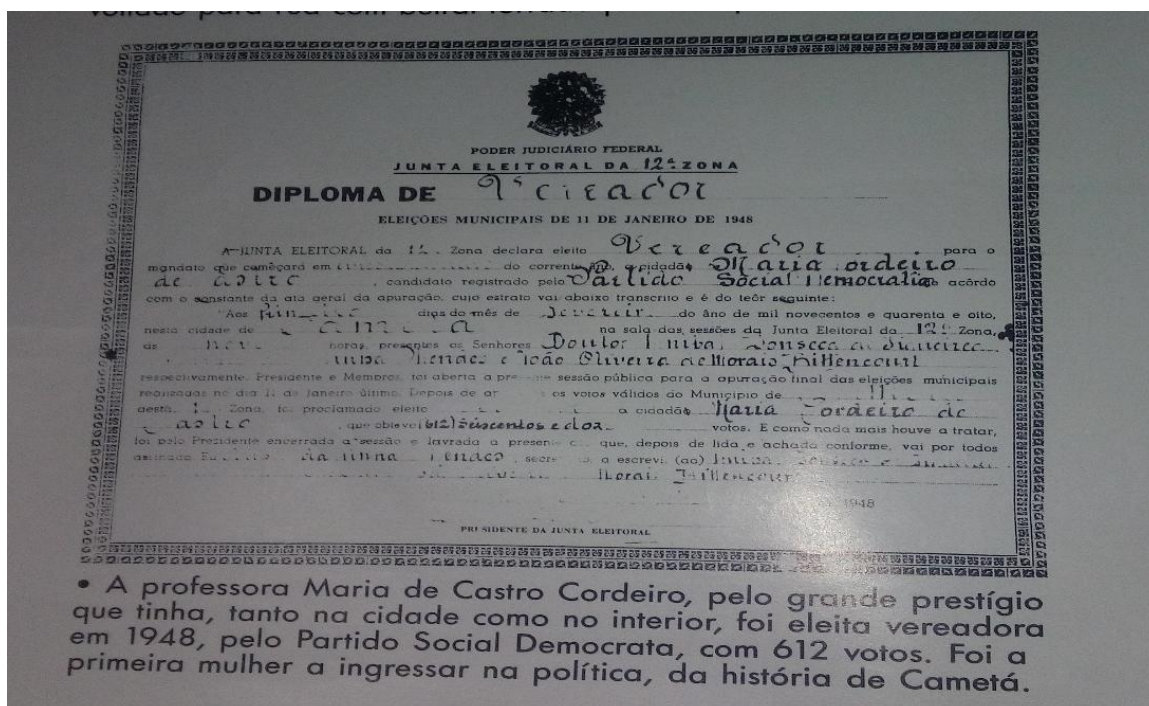


Imagem 05 - Certificado de vereadora-Acervo particular Flávio Gaia

Na câmara de vereadores a professora Maria Cordeiro teve uma participação assídua, tornou-se “relatora da comissão do regimento interno da casa”¹¹, apresentando requerimentos e projetos importantes para o município como o “projeto de lei que regulariza a abertura dos estabelecimentos comerciais e industriais no município aos domingos e dias feriados”¹² o que pode de certa forma ter causado desconforto junto aos seus colegas vereadores “onde muitos candidatos /eleitos eram contra sua participação” o que pode ter ocasionado o desinteresse da professora em concorrer em novas eleições. (DUARTE 2016, pag. 40).

[...] a sua condição de política e vereadora, não foi empecilho para professora Maria Cordeiro continuar com seus projetos pela educação. Pelo contrário, passou a acumular as duas funções, de professora e vereadora. Mas devido o preconceito que enfrentou [...] foi vereadora por apenas um mandato, depois Maria Cordeiro passou se dedicar exclusivamente ao trabalho educacional, como professora no Externato Cordeiro, que foi fundado por seu pai, que posteriormente foi elevado a categoria de Instituto Nossa Senhora do Rosário de Fátima. Neste local continuou sendo procurada por muitos de seus eleitores em busca de ajuda, embora ela não estivesse mais ligada a Câmara Municipal do município de Cameté. (DUARTE 2016, pag. 40).

Mesmo tendo sido eleita pelo voto Maria Cordeiro de Castro sofreu muito preconceito pelo seu envolvimento no meio político, sendo “discriminada pelos colegas vereadores como

¹¹ Ata da Seção da Câmara de Vereadores do Município de Cameté datado do dia 22 de março de 1948.

¹² Ata da Seção da Câmara de Vereadores do Município de Cameté datado do dia 27 de março de 1948.

por parcela da população conservadora, que não aceitavam que uma mulher se envolvesse com política”¹³ e ambientes até então dominados apenas por homens, menosprezando a capacidade e integridade das mulheres em fazer parte e assumir um cargo de tamanha responsabilidade e visibilidade.

É importante ressaltar que no Brasil, apenas começo da década de 1930, as mulheres conquistam o direito de votar e ser votada. Contudo, somente no final da década seguinte, mas, precisamente, no ano de 1948, é eleita a primeira cametaense a câmara de vereadores do município, uma conquista histórica e pouco conhecida, conforme é possível se observada nas falas dos entrevistados, que através das quais se percebe que mesmo tendo, de certo modo, convivido com a professora Maria Cordeiro poucos são os relatos precisos referentes a sua candidatura e atuação como vereadora do município, não há registros históricos escritos sobre sua trajetória política para além das atas das sessões da câmara.

Sua trajetória desde o aceito a candidatura, passando pelos seus discursos políticos, carisma para obtenção de votos, até sua saída, são incógnitas difíceis de serem desvendadas, outro ponto intrigante diz respeito ao preconceito sofrido pela mesma por ter se tornado vereadora em um período onde o preconceito e discriminação era visível, ponto observado nas entrevistas, que de seis informantes tanto homens quanto mulheres apenas um reconheceu que a professora em quanto vereadora tenha sofrido preconceito por ocupar um cargo até então ocupado apenas por homens. No entanto é uma figura conhecida e reconhecida em quanto professora, como uma pessoa dedicada e preocupada com o ensino e educação de seus alunos.

Outra mulher de destaque em nosso município é Dona Iolanda dos Santos, popularmente conhecida como Iolanda do Pilão, apesar de ter vivido em tempos distintos compartilham históricos de preconceitos e discriminações por uma parcela da sociedade, por seus padrões sociais, estas subverteram o sistema conservador e machista predominante da época para viverem experiências desafiadoras como a primeira e se tornar vereadora e a segunda com seu carisma e alegria de viver driblou a discriminação e preconceito por ser mãe solteira, negra e por estar à frente de um grupo de samba de cacete que até a década de 1970 apresentava-se apenas em locais mais afastados do centro da cidade.

Iolanda Lopes dos santos, nascida em 03 de novembro de 1940, filha de Isabel Lopes dos Santos, não conheceu o pai, que também não se fez presente na vida desta, sendo a terceira de sete irmãos. Nascida em uma residência localizada na travessa Cônego Miguel Inácio, atrás

¹³ João Maria Monteiro Redig- entrevista realizada no dia 27/12/2017

do atual quartel da polícia militar, depois mudou-se para o sobrado - casarão - de Candinho e Siqueira, que posteriormente deu lugar ao mercado de Peixe, (atual mercado de carne) próximo ao largo das Mercês, atual praça Joaquin Siqueira, onde se abrigava várias famílias na época, e onde passou sua infância. Durante esse período suas parceiras nas brincadeiras de casinha foram as internas do colégio das freiras, as quais eram liberadas das 6 às 9 horas da manhã para brincarem no lado externo do colégio.

Frequentou por um tempo uma escola particular que funcionava na casa da professora conhecida como Santa, sendo a única entre os irmãos que demonstrou inicialmente certo interesses pelos estudos, abandonando posteriormente. Nesse período existia apenas o grupo escolar Dom Romualdo de Seixas de escola pública, na cidade de Cametá, o qual não era o suficiente para atender a demanda do município, refletindo uma realidade nacional das instituições de ensino público, privilegiando apenas os filhos da sociedade elitizada, deixando a mercê as camadas desprovidas de recursos financeiros.

Devido a procura por instrução, “diversas professoras nesse período davam aulas particular em suas residências” para aqueles que não conseguiam vaga na única escola pública da época, muitas destas se destacaram como: “a professora Maria Cordeiro, professora Ariete, professora Elísia, professora Maroca Godinho”, que devido o reconhecimento de seus esforços frente a educação no município tiveram seus nomes eternizados em prédios públicos (escolas) espalhados pelo município. (Fala da Professora Benedita Braga aluna de Maria Cordeiro, entrevista realizada no dia 18 de agosto de 2017)

Sua mãe Dona Isabel dos Santos sustentou sua família lavando roupa para os viajantes que se hospedavam da pensão da dona Liberata que se localizava no local onde hoje está instalado o hotel santo Antônio, assim como também atendia na lavagem de roupas de algumas famílias abastardas, padres e em algumas ocasiões chegou a lavar a roupa das freiras também.

Por morar nas proximidades do rio Tocantins ao fim dos dias por volta das 17 horas dona Isabel juntamente com sua vizinha saía para pescar o jantar e quando a pesca estava boa aproveitavam para pescar o almoço do dia seguinte, mulher determinada, uma chefe de família preocupada com o sustento dos filhos, uma rotina evidenciando na fala de Rosa e Porciúncula quando diz: “a sustentação da família quando nem se imaginava que o chefe poderia ser uma chefe”. (ROSA E PORCIÚNCULA 2006)

Dona Isabel foi seu maior exemplo de vida, pois com sua determinação e afoitamento não mediu esforços para que seus filhos pudessem ter uma infância na medida de suas

possibilidades digna em meio a uma sociedade que rotula e descrimina pessoas por sua classe social, cor, e seu modo de viver.

De sua infância lembra com carinho de sua amiga Celina Franco onde estas tinham um conjunto completo de panelinhas de barro com o qual se divertiam a valer “Tive uma infância normal, durante o dia gostava de jogar bola, e a noite brincadeira de roda quando cansavam dessas brincadeiras brincávamos de pira o galo. ” (Iolanda entrevista realizada no dia 28/03/2017).

Na adolescência as amizades que construiu nesse período foram com as filhas da dona Liberata, a Cici e a Mazete, além da Osvaldina que morava também no mesmo sobrado que dona Iolanda, sua família era do interior e Osvaldina veio para a cidade para estudar, dona Iolanda pouco contato teve com suas irmãs já q estas desde muito cedo foram morar em casa de famílias em Belém e Castanhal.

Aos dez anos de idade mudou-se juntamente com sua família para o local onde reside até hoje, tido na época como zona rural, tornando-se os primeiros moradores do entorno. Engravidou aos 15 anos de idade, mesmo período que sua mãe sofreu um AVC (acidente vascular cerebral) obrigando-a tomar para si a responsabilidade das atividades econômicas da família, passou a assumir as lavagens de roupas, que antes eram de responsabilidade de sua mãe.

E em determinada época do ano desdobrava-se trabalhando com flor-do-campo para ajudar na renda familiar, com o fim da produção da flor-do-campo e os filhos já crescidos estes passaram a ajudar fazendo vendas de chopp e pasteis para ajudar a suprir as necessidades da família, rotina evidenciada na fala de sua filha,

“Minha infância foi normal com trabalho e lazer, não foi só lazer desde criança trabalhava, estudava e brincava”. (Isabel dos Santos entrevista realizada no dia 05/01/18).

Mesmo com todos os percalços da labuta diária que uma mãe solteira, negra e sem uma renda fixa, dona Iolanda dos Santos conseguiu de maneira simples e digna educar seus filhos conforme afirma,

Eu nunca tive preguiça, eu trabalhava quando eles estavam pequenos, eu tinha umas quatro lavagens de roupa, eu levantava quatro horas da madrugada, lavava a roupa e deixava no sabão, naquele tempo não existia qboa nem sabão em pó, lavava e ia trabalhar, quando voltava do trabalho por volta das 17 horas as roupas das crianças já haviam sido passadas pela Isabel e Estela, aí eu passava as roupas dos adultos, feito

isso saia para a entrega das roupas para seus donos e já trazia roupas para a lavagem do dia seguinte, quando meu filho mais velho estava mais entendido começou a vender pastel e chopp pra ajudar na despesa da casa, graças a Deus nunca passamos fome e nunca dormimos no chão, criei meus filhos todos assim.(IOLANDA entrevista realizada no dia 28/03/2017).

Nas palavras da entrevistada podemos perceber que a força de vontade, a determinação foram suas companheiras que lhes ajudaram a superar estigmas e preconceitos de uma sociedade tradicional e patriarcal na qual ela estava inserida, sempre de maneira alegre e descontraída, mesmo não sendo de família abastarda sempre buscou formas de viver e sobreviver e dá o melhor possível para seus filhos,

E hoje contempla com orgulho o que cada um se tornou, relembra das dificuldades enfrentadas e sabe que valeu apenas todo o esforço e dedicação de uma mulher que enfrentou preconceitos com bom humor para que assim pudesse dar um futuro melhor para os filhos, futuro este encontrando na educação, que por sinal em algumas situações se lamenta de não ter se dedicado aos estudos enquanto criança.

Além da cor a Iolanda era pobre, então, negra pobre e mãe solteira essas qualidades levaram ela a espreitar pra não se sentir bulinada ela era uma pessoa expansiva, alegre, feliz então essa alegria, esse jeito brincalhão que ela tem fez com que ela superasse mesmo por que na época ser discriminado era normal, a pessoa não se sentia discriminada por que não era só ela que era discriminada era todo mundo que era negro, que era pobre, que era mãe solteira todos eram discriminados não era só a Iolanda então ela não se sentia ofendida, ela era apenas mais uma vítima da sociedade. (professor Dmitryus Pompeu, entrevista realizada no dia 18 de agosto de 2017)

O preconceito foi evidenciado por um longo período de tempo no município nos campos sociais, religiosos e cultural. Nesse período as festas ocorridas na cidade eram classificatórias de acordo com o grau de status da população existindo três tipos de festa 1ª, 2ª e 3ª, destinadas a cada seguimento social vigente e o samba de cacete estava além desses por se tratar de uma manifestação de negros e pobres.

A 1ª era só pra filhos de rico e comerciantes que ocorriam onde hoje se localiza o estúdio da rádio Tocantins a 2ª ocorriam na no Manoel piranha, que era destinado aos filhos dos pobres, as raparigas não dançavam junto com as pessoas, se tivessem uma no meio, as mães iam buscar suas filhas para não se misturarem com elas, a terceira era no Antônio Abacate e depois a Antônia Cú de facho fazia mas era mesmo só pra mulherada que ela tinha lá na casa que morava com ela. Com um tempo depois abriram mais duas sedes que foram dos funcionários que localizava-se próximo a Igreja de São João Batista e o comercial, depois acabou o dos funcionários permanecendo até hoje o comercial também destinados aos filhos dos ricos. (IOLANDA entrevista realizada no dia 28/03/2017)

Fora da cidade ocorriam festas na casa do sr. Bena Tiago, na casa do sr. Dário, e na estrada da aldeia nos barracões do São Raimundo e Espírito Santo, nestes dois últimos já podiam se misturar todo mundo, na coronel na casa do senhor Chaga ocorriam festas com evidências claras do preconceito predominante na sociedade cametaense, “era uma casa grande onde preto dançava pra um lado e branco pro outro, dançavam a mesma música mas não se misturavam”¹⁴.

Uma barreira em forma de parede classificavam as pessoas, enquanto uns entravam pela porta principal outros entravam pelas portas dos fundos como subalternos, parte da sociedade da época por não se enquadrar nos *perfis* estabelecidos pela classe dominante do período eram impedidos de frequentar ambientes sociais onde estes se reúnem para celebração de seus eventos como a sede dos funcionários públicos e clube comercial, “Favela e Não Posso” era de terceira categoria que nesse caso as filhas das famílias da elite não frequentavam.

E o samba de cacete era classificado como de quarta categoria, por ser uma manifestação de negros e pobres e que geralmente aconteciam fora da cidade, e foram nesses ambientes frequentados por dona Isabel e seus filhos que nasceu o gosto pelo ritmo, aos 5 anos de idade dona Iolanda já dançava o samba de cacete desde então não parou mais, durante a juventude sempre se reunia com os amigos para “brincarem o samba”, e em 1971/72 durante o mandato do Sr Alberto Mocbel como prefeito do município foi oficializado o grupo samba de cacete de Dona Iolanda do Pilão.

¹⁴ Fala de Iolanda dos Santos em entrevista realizada no dia 28 de março de 2017



Figura 06- Apresentação do samba de Cacete do Pilão na Festividade de São João Batista Ano 2017

[...] depois de muito tempo nós conseguimos permissão dos funcionários públicos e do clube comercial para que o samba de cacete se exibisse nas nossas festas, já que era proibido, mas conseguimos que a meia noite, já bem tarde eles vinham fazer uma apresentação, feita a primeira apresentação lá no clube dos funcionários foi tão bem aceito pela sociedade que a exibição que eles fizeram contagiou a elite, e quando menos se esperava a elite estava dançando o samba de cacete, desse tempo em diante as grandes festas, grandes bailes dos clubes dos funcionários e clube comercial era chamado o samba de cacete para fazer uma rápida exibição [...] e na verdade hoje o samba de cacete já expandiu para todo o território brasileiro e sua fama e justamente a Iolanda deu continuidade a esse trabalho até hoje. (Alberto Mocbel, entrevista realizada no dia 18 de novembro 2017)

Após o aceite do samba de cacete pela elite cametaense Dona Iolanda e seu grupo não pararam mais, passaram a ser requisitados para se apresentarem em eventos na capital e no interior do estado, ganhando destaque em programas de televisão (TV Liberal e TV Cultura), como agentes propagadores da cultura cametaense e hoje ela é considerada uma figura ilustre no município.

[...][ela criou muita amizade e pra mim como para a maioria da população ela hoje é considerada a rainha do samba de cacete, ela é a figura chave, a figura mestra do samba de cacete em Cametá, ninguém fala de samba de cacete em Cametá sem mencionar a Iolanda do pilão, e não é em vão que se dá esse título pra ela, por que dentro da zona urbana de cametá foi ela quem sustentou junto com o Eduardinho a tradição do samba de cacete em Cametá. Dedicando mais de 4 décadas de sua vida ao samba de cacete do pilão. (Dmitryus Pompeu, entrevista realizada no dia 18 de agosto de 2017)

Assim como nas sedes de festas, os negros também sofriam discriminação na hora de renovar sua fé sendo impedidos de frequentar a única igreja até então existente no município a qual era frequentada apenas pela elite, restando as demais camadas sociais venerarem outros santos, como São Benedito chamado como “São Benedito dos Pretos”, que teve sua igreja construída e frequentada pelos negros.

Na igreja de São João Batista o negro não era bem vindo daí o por que são benedito dos prestos, por que foram os negros q construíram a primeira capela e lá eles faziam a sua devoção a são benedito e mais tarde o mestre Arlindo ajudou a eregir em alvenaria já que ele era mestre de obres e negro também apesar de ser um negro envolvido com a sociedade branca ele ajudou a construir a igreja de são benedito, então não faz muito tempo que essa discriminação deixou de ser tão evidente, não deixou de existir apenas de ser tão evidente.(Dmitryus Pompeu, entrevista realizada no dia 18 de agosto de 2017)

A devoção por São Raimundo Nonato protetor das parturientes e das parteiras se deu quando dona Isabel foi presenteada com uma imagem do santo por mestre Penafort, inicialmente a família se reunia para rezar ao santo, e com o passar do tempo e a vizinhança aumentando, o que era apenas um momento de reza passou a novena e posteriormente a festividade, e com o falecimento de sua mãe em 1981 dona Iolanda deu continuidade à tradição que se mantém viva até os dias atuais.

Na casa da Iolanda do Pilão era festejado o São Raimundo Nonato e foi na devoção desse santo que se concretizou o samba de cacete na vida dela por causa da festa de são Raimundo, o samba era dançado durante as noites da festa e em especial dia 1º de janeiro na virada do ano quando era oferecido a gemada, dona Isabel fazia a gemada lá dentro da casa que era um barracão na frente e moravam numa puxada atrás do barracão, e essa tradição a Iolanda mantém até hoje, dia 1º de Janeiro ela faz um grande samba na casa dela e oferece o chocolate, assim como a tradição de são Raimundo Nonato(Dmitryus Pompeu, entrevista realizada no dia 18 de agosto de 2017).

O samba de cacete se tornou um atrativo a mais nos festejos ao santo, um casamento perfeito entre o profano e o sagrado, devoção à São Raimundo e samba de cacete, ambos se confundem com a história de vida de Dona Iolanda já que desde criança sempre participou da festividade de São Raimundo Nonato e o Samba de Cacete foi/é sua grande paixão, é na roda de Samba de Cacete que ela se sente despida de preconceitos, das preocupações diárias, é ele quem a fortalece emocional e espiritualmente.

3.3.1 – IDENTIDADE

É impossível falar em samba de cacete no baixo Tocantins sem mencionar o nome de Iolanda dos Santos, assim como falar em Iolanda do Pilão e não mencionar o samba de cacete, a identidade de um está entranhada na história do outro, tornando-se um só, menina que aprendeu cedo a dançar e que se apaixonou pelo batuque e melodia desse ritmo contagiante chamado samba de cacete.

O samba passou a fazer parte de sua vida, de sua história e de sua identidade, aliado as festividades de São Raimundo Nonato, venerado na residência de sua mãe tornou-se um casamento perfeito entre o religioso e o profano, não existia festividade deste santo sem samba de cacete, e samba sem a presença de Iolanda, um complementando o outro e fortalecendo-se cada vez mais e ganhando visibilidade, atenção e respeito da sociedade local.

A festividade de São Raimundo do Pilão -como ficou conhecido- por muitos anos tornou-se um evento grandioso e conhecido no município atraindo atenção e presenças de pessoas das diversas classes sociais do município, quebrando a barreira da discriminação e preconceito, estando branco e negros em um mesmo espaço -lado a lado- para prestigiarem a Festividade de São Raimundo Nonato venerado em sua residência na rua do pilão, onde todos os anos durante o mês de agosto acontece a novena em honra a este santo que sempre está acompanhado do Samba de Cacete.

A dedicação ao samba de cacete rendeu a Iolanda do Pilão inúmeras homenagens em sua trajetória que vem em forma de prosa e verso, pois sua história está estampada no livro de Raimundo Coelho Intitulado “Patrimônio Cultural Cametaense” livro publicado no ano de 2012, e na literatura de cordel de Francisco Pinto Mendes conhecido como poeta ribeirinho que em março de 2013 lançou a literatura intitulada “DONA IOLANDA DO PILÃO”.

Eu para vocês quero contar	[...]
Essa história em literatura	Comadre Iolanda no comando
Falando de uma personagem	Negra com porte imperial
Que é sinônimo de bravura.	Traz o colorido nas roupas
Carrega consigo a tradição	Gargalhada feita colossal.
Com carinho de seu coração	Seu jeito sempre imponente
É gente ativa de nossa cultura	Vinte e quatro horas contente
	Uma negra/mulher especial.
[...]	[...]
Como se isso não bastasse	Nove dias e noites passavam
Com esforço pra lá de grandioso	A novena sempre transcorria
O samba de cacete ela preserva	Misturando sagrado e profano
Deixando Cametá Orgulhoso.	Na mais perfeita harmonia.
Com o ritmo sempre original	Casa em salão transformada

Não deixando chegar o final
Nosso batuque mais glorioso.

Agora já dá p desconfiar
De quem estou a descrever
Comadre Iolanda para você
Do jeito que merece e deve ser.
Pelo povo bem conhecida
Com seu jeito descontraída
Essa homenagem vai receber.

Também palco de missa rezada
Comadre Iolanda Garantia.

[...]

Sei que sua história é imensa
Falta caneta e papel pra contar
Também imaginação do poeta
Que não consegue imaginar.
São proezas por ela vivida
De flores, espinhos e ferida
Que acompanham seu cantar.

Francisco Pinto Mendes

No ano de 2017 o guia SESC Pará trouxe estampado em sua capa uma foto de IOALNDA, e contou com a participação grupo de Samba de Cacete, com a Mestre Iolanda do Pilão no projeto “mestras da cultura, promovido pelo SESC Boulevard.

No mesmo ano a Revista PZZ em sua 26 edição traz em seu título “Cametá: celeiro histórico artístico e cultural” traz uma matéria retratando dona Iolanda e o samba de Cacete, escrita pelo Professor de Psicologia da UFPA-Cametá Carlos Alberto Amorim.



Figura 07 – Placa de reconhecimento a Iolanda como Mestre Cultura

Acervo pessoal de Iolanda dos Santos



Figura 08- Guia SESC 2017

Acervo pessoal de Iolanda dos Santos



Figura 09 - Certificado de Honra ao Mérito

Acervo pessoal de Iolanda dos Santos

O projeto mestras da cultura promovido pelo SESC Boulevard lhe renderam reconhecimento e prestígio tanto no estado do Pará quanto fora do estado. Pois os projetos do SESC visam divulgar as riquezas paraenses – cultura, culinária, música, etc - Brasil a fora como atrativo para atrair turistas a conhecerem nosso estado e toda sua diversidade.



Figura 10 – Placa em Homenagem a Iolanda dos Santos

Acervo pessoal de Iolanda dos Santos

No ano de 2017 a Escola Municipal de Ensino Fundamental São João Batista realizou seu segundo Sarau Literário com o tema “uma viagem pela literatura e Cultura Paraense” e uma de suas homenageadas foi Iolanda Lopes dos Santos.

A mulher negra, pobre e mãe solteira antes discriminada pela sociedade passa a conquistar espaço, admiração e respeito por parte da população, por sua dedicação e promoção da cultura negra tanto no município como fora dele, mas que devido sua idade e problemas de saúde a mantem em certas ocasiões ausentes de apresentações do grupo de samba de cacete, mas que não diminuem seu prestígio junto as pessoas que valorizam e reconhecem a importância e valor dessa mulher guerreira para a cultura.

Sua primeira apresentação oficial como grupo de Samba de Cacete fora do município foi na capital paraense na sede do clube do Remo ainda na década de 1970, ganhando visibilidade e propagando a cultura cametaense além das fronteiras do município, nos últimos anos Dona Iolanda vem recebendo homenagens e honrarias em reconhecimento a sua dedicação em manter viva a cultura e tradição do samba de cacete no município de Cametá

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que nos define não é o que nascemos -mulheres/homens- mas sim o que nos tornamos, nossa personalidade, nossa identidade construída ao longo de nossa existência é que vai determinar o que somos e o que queremos ser (CITAR FONTE), e esse trabalho nos proporcionou uma melhor visão da sociedade da qual vivemos através do retrospecto da história de vidas das personagens deste trabalho, buscamos no passado uma melhor compreensão do presente, e o que pudemos observar foi que preconceitos e estigmas existiram e sempre irão existir, mas a maneira como iram afetar nossas vidas depende de cada um de nós, somos livres para tomarmos nossas decisões, ainda que esta implique na aceitação ou não da sociedade a qual pertencemos, hoje as mulheres ocupam os mais diversos cargos possíveis em nossa sociedade e desempenha muito bem as funções a elas atribuídas, sejam como gestoras de escolas, quer sejam como gerentes de lojas ou Banco, atividades que variam desde as mais simples até as mais complexas.

Mulheres solteiras, casadas, jovens ou experientes que hoje decidem pelo seu corpo, e que reivindicaram o direito de votar e ser votada, escolher amar e ser amada, e que hoje podem fazer suas escolhas com mais liberdade, ainda que existam resquícios visíveis de um tradicionalismo conservador mais que aos poucos vai cedendo espaço ao diálogo e a liberdade de expressão.

Simone de Beauvoir revolucionou a história do feminismo com sua frase “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, e na sociedade a qual fazemos parte o que nos tornamos depende de cada um de nós, de nossas escolhas, de nossas ações, como seres sociáveis temos livre arbítrio para decidirmos que direção seguir, que caminho trilhar, e Maria Cordeiro de Castro e Iolanda dos Santos partiram dessa premissa e tornaram-se mulher cada uma ao seu modo e com seus pontos de vistas e perspectivas de tempo e espaço da sociedade a qual pertenceu/pertence.

A história de vida dessas duas mulheres relatadas neste trabalho que apesar de terem coexistido em um mesmo período, tem em comum não apenas o fato de serem mulheres, mas o preconceito e discriminação sofrido por ambas por uma sociedade conservadora, que julgava e discriminava seus cidadãos pela sua classe social, raça, gênero e modo de vida, e que aos poucos começam a ceder espaços- mas que ainda se faz presente em nossa sociedade-, e

aberturas para que as mulheres tenham liberdade de expressão, direito de escolha, direito de ser mulher livre e independente.

O preconceito e discriminação que insiste em persistir em nossa sociedade é mais perceptível na história política do município onde o número de candidatas mulheres vem crescendo a cada ano, mais as votações ainda são ínfimas levando em consideração a masculina, reflexos evidentes de um tradicionalismo camuflado nos dias atuais que ainda convergem que as mulheres não devem envolver-se em assuntos como política partidária.

Maria Cordeiro de Castro Aventurou-se em águas até então desconhecida pelas mulheres do Município, vivenciou uma experiência impar em sua vida como professora e vereadora, foi como se tivesse vivido duas vidas paralelas, em quanto era querida e respeitada, na outra era o oposto disso sofrendo preconceitos e rejeições, mas se manteve firme aos seus ideais demonstrando que em terra de “Romualdos” as “Notáveis” podem e fazem a diferença.

De 1948 quando a professora Cordeiro assumiu como vereadora eleita, foram preciso 70 anos até que outra mulher ocupasse o cargo pelo voto direto, a aceitação de candidatura de mulheres ainda é um ponto intrigante, ainda que os partidos precisem ter 30% de candidaturas femininas, estas não recebem atenção e nem recursos iguais aos candidatos homens, estas estão apenas para cumprirem uma determinação da justiça eleitoral, como se as mulheres fossem usurpar o lugar dos homens, pelo contrário elas lutam pelo seu lugar de direito e o reconhecimento como mulher e cidadã atuante e participativa na sociedade.

Iolanda dos Santos com sua alegria de viver foi subvertendo os dogmas e preconceitos de uma sociedade classista e elitista, sempre atuante com seu grupo de samba de cacete que é sua paixão foi aos poucos ganhando respeito e reconhecimento de entidades que valorizam a cultura e de boa parte da população. Ainda falta muito, mas já temos a direção, Cametá é um celeiro de cultura afro com seus ritmos e toadas que ecoaram das senzalas até os dias de hoje, muita coisa se perdeu aos longos dos anos, algumas ainda sobrevivem através dos esforço e dedicação de uns poucos.

Devemos mudar de postura e posicionamento, deixemos de reproduzir estigmas que outrora desmereciam os que fossem negros, mães solteiras, os menos favorecidos financeiramente e mulheres que tendessem seguir outro caminho que não fosse ser dona de casa ou professora. Pois o lugar da mulher é onde ela queira estar, seja ocupando uma cadeira na câmara de vereadores, seja a frente de um grupo de samba de cacete, quer seja ocupando o cargo mais visado em um país como o de presidente da república, ninguém deve ou pode impedi-las de seus sonhos.

FONTES DA PESQUISA

a) FONTE ORAL

BRAGA, Benedita Pompeu, Entrevistada no 18 de Agosto de 2017.

BRAGA, Dmitryus Pompeu, Entrevistado no 18 de Agosto de 2017.

MOCBEL, Alberto, Entrevistado no dia 18 de Novembro de 2017, em Cametá.

NOGUEIRA, Adilson, Entrevistado no dia 08 de Novembro de 2017.

PINTO, Isabel de Fátima dos Santos, Entrevistada no 05 de Janeiro de 2018.

REDIG, João Maria Monteiro,. Entrevistado no dia 27 de Dezembro de 2017.

RIBEIRO, Raimunda Célia Costa, Entrevistada no dia 04 de Agosto de 2017.

SANTOS, Iolanda Lopes dos, Entrevistada no dia 28 de Março de 2017.

b) FONTES ESCRITAS

-Câmara Municipal de Cametá (Atas, Nomes das Candidatas e históricos das Políticas).

-Guia SESC Pará 2017 – setembro. Ano 03, nº 23

c) FONTES IMAGÉTICAS

- Acervo Particular do Sr, Flávio Gaia

- Câmara Municipal de Cametá (atas das sessões da casa).

-<http://www.rudecruz.com/vaso-alabastro-puro-nardo-pecadora-ungiu-pes-jesus-estudo-biblico.php>

-<http://www.yelenacasale.com/2013/03/friday-art-history-feature-boudica.html>

- TRE (Tribunal Regional Eleitoral)

BIBLIOGRAFIA

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto, *Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica*, Maria Helena Menna Barreto Abrahão, ASPHE/FaE/UFPel, pelotas, 2003.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto, *A aventura (auto) biográfica: teoria e empiria – the auto-bigraphic adventure: theory and practice/ Maria Helena Menna Barreto Abrahão(Org.). – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.*

ALBERTI, Verena. *Biografia dos Avós: uma experiência de pesquisa no ensino médio*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006. 10p.

ALMEIDA, Luciana Andrade de; *Trajetória de uma pioneira: a escrita feminina de Francisca Clotilde (1862-1935)*. In: *Seminário Internacional Fazendo Gênero 7. Gênero e preconceito*, 2006, Florianópolis. *Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 7: Gênero e Preconceitos*. Florianópolis: UFSC, 2006.

AMORIM, Luciara Maria Alves, *GENERO, EDUCAÇÃO E PROFISSIONALISMO: O feminino diante de representações produzidas historicamente em um jogo de saber e poder*. Faculdade de Educação/Campus Universitário do Tocantins/UFPA-Cametá, 2007. (Trabalho de Conclusão de Curso)

BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral – Paulus 1990, disponível:
www.paulus.com.br.

CALDAS, Carlos Alberto Amorim, Cametá – Celeiro histórico artístico cultural. **REVISTA PZZ**, Belém, Pará, edição 26, p. 90-93, março 2017. Disponível em:
www.revistapzz.com.br

COELHO, Raimundo do Socorro de Souza. *Patrimônio Cultural Cametaense. Um Estudo sobre o patrimônio Cultural de Cametá e sua Importância no Contexto escolar do município*. Coleção Novo Tempo Cabano XI, 1ª Edição, 2012.

COSTA, R. G. D.; MADEIRA, M. Z. A.; SILVEIRA, C. M. H.. *RELAÇÕES DE GÊNERO E PODER: TECENDO CAMINHOS PARA A DESCONSTRUÇÃO DA SUBORDINAÇÃO FEMININA*. In: 17º Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero, 2012, Paraíba. 17º Encontro Nacional da Rede Feministas Norte e Nordeste de Estudos e pesquisa sobre a mulher e Relações de Gênero, 2012. p. 222-239.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX: Maria Odila Leite da Silva Dias; Prefácio de Ecléa Bosi. – 2. Ed. Ver. São Paulo: Brasiliense, 1995.*

DUARTE, Kellen Assunção. *SAIAS E URNAS: A PARTICIPAÇÃO FEMININA NAS ELEIÇÕES NO MUNICÍPIO DO INTERIOR DO PARÁ. (CAMETÁ DÉCADA DE 1940-1980)*, Faculdade de História/Campus Universitário do Tocantins/UFPA-Cametá, 2016. (Trabalho de Conclusão de Curso)

FIGUEIRÔA, Silvia F. de M., A PRÓPOSITO DE ESTUDOS BIOGRÁFICOS NA HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS E DAS TECNOLOGIAS. Revista de História e Estudos Culturais julho/agosto/setembro 2007, vol. 4, ano IV nº 3.

GONÇALVES, Rita de Cássia; LISBOA, T. K., Trajetórias de Vida: visibilizando e reconstruindo a história das mulheres. In. Seminário Internacional Fazendo Gênero7, 2006, Florianópolis. Seminário Internacional Fazendo Gênero7. Florianópolis: UFSC, 2006. v. 1. p. 18-24.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Histórias das mulheres e das relações de Gênero: campo Historiográfico, Trajetórias e Perspectivas. DOI: <http://dx.doi.org/10.15603/2176/mandragora>. v19, nº19 p 5-15.

MELO, Hildete Pereira de. A Invisibilidade do Trabalho Feminino. Jornal FÊMEA, Brasília/DF, p.6-7, 01 de maio 2002.

MENDES, Francisco Pinto. Dona Iolanda do Pilão – vida, Samba de Cacete a São Raimundo Nonato. Literatura de Cordel. Editora cromos 2013.

MORAES, Adriele de Paula Silva, MULHERES DE ATITUDES EM CAMETÁ: A PARTICIPAÇÃO DE MULHERES NA HISTÓRIA DO MUNICÍPIO DE CAMETÁ NA DÉCADA DE 1970, Faculdade de História/Campus Universitário do Tocantins/UFPA-Cametá, 2015. (Trabalho de Conclusão de Curso)

PEDRO, Joana Maria Traduzindo o Debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica, história, São Paulo. v.24, n.1, p. 77-98, 2005.

RAGO, Luzia Margareth, 1948- A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade/ Margareth Rago. – Campinas SP: Editora Unicamp, 2013.

ROSA, C. M.; PORCIÚNCULA, Fabiane Andrade da. Memória de uma Professora: A Alfabetização na Zona Rural. In: VII Seminário Internacional Fazendo Gênero, 2006, Florianópolis. Seminário Internacional Fazendo Gênero, 2006. p. 8-16.

SÁ, Madaí Pacheco, SAMBA DE CACETE DO PILÃO. Programa de Pós-graduação Lato Sensu em História Afrobrasileira e Indígena/Campus Universitário so Tocantins-UFPA-Cametá, 2016.

SOIHET, R.; COSTA, Suely Gosme; SOARES, R. M. A.. A História das Mulheres. Cultura e Poder das Mulheres: Ensaio de Historiografia. Niterói: EDUFF, 2001. (Tradução/Artigo).

SOIHET, R.. Mulheres e Biografia. Significados para a História. Locus (Juiz de Fora), Juiz de Fora, v. 9, n.1, p. 33-48, 2003.

SOUZA, Elizeu Clementino de, ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto, (Org); MARIE-Christine josso, Prefácio. - Tempos, Narrativas e ficções: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

VIEIRA, Josênia Antunes – A identidade da mulher na modernidade. Josênia Antunes Vieira, DELTA 2005.

<http://www.feebsc.org.br/2017/03/08/ibge-aspectos-da-populacao-feminina-brasileira-indicadores-sociais-2016/>